

Le ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

**Ex Libris**  
**José Mindlin**







**PRIMEIRAS**  
**TROVAS BURLESCAS**

DE

**GETULINO**

---

**2.<sup>a</sup> edição correcta e augmentada.**

---



**RIO DE JANEIRO.**

**TYP. DE PINHEIRO & C.<sup>a</sup>, RUA DO CANO N. 165.**

**1861.**





Ag. Illm.<sup>o</sup> Sr.  
A. de Almeida.

ta Sympathia e conhecida  
ração

do  
autor.

**PRIMEIRAS TROVAS BURLÊSCAS.**

9 6 37

PRIMEIRAS  
TROVAS BURLESCAS

DE

GETULINO

---

2.<sup>a</sup> edição correcta e augmentada. ●

---

.....  
Comtudo se os vir alguem  
Que d'elles zombe, e de mim,  
Defende-me, e dize assim:  
*Cada qual dá o que tem.*

F. X. DE NOVAES.



RIO DE JANEIRO.

TYP. DE PINHEIRO & C.<sup>ª</sup> RUA DO CANO N. 165.



## A QUEM LER.

Instado por alguns amigos, e fiado na benevolencia que caracteriza o illustrado povo Fluminense dou hoje ao prélo a segunda edição das minhas—*Trovas Burlescas*.

Estou por demais convencido do pouco que ellas valem, e, por isso, lancei mão das lindas poesias, que fazem parte d'este volume, escriptas pelo Ex<sup>mo</sup> Sr. Dr. José Bonifacio de Andrada e Silva, para servirem-me de santelmo n'esta empresa temeraria.

Estas bellissimas producções foram-me offertadas pelo seu illustre e modesto autor, sem a menor tenção de as ver impressas; e, eu o acompanharia n'esse proposito a não ser coagido pela eminente necessidade, em que me vejo, de abrigar-me sob os auspicios de um valioso *padrinho*.

Faltaria ao sagrado dever do reconhecimento para com o Illm. Sr. Dr. Guilherme Delius, se deixasse de manifestar os meus agradecimentos pelas lisongeiras expressões de animação e benevolencia, que me dirigiu por vezes nas columnas da *Revista Commercial*, que se publica na cidade de Santos.

Rio, 28 de Maio de 1861.



...Curvar a fronte e submisso beijar  
as mãos do bemfeitor amigo.

A. FERREIRA.

## A SEU PROTECTOR E AMIGO

*O Illm. e Exm. Sr. Dezembargador*

DR. F. M. S. FURTADO DE MENDONÇA,

Decano da Faculdade de Direito da Cidade de S.  
Paulo, Membro do Instituto da Ordem dos Advoga-  
dos, e de outras muitas associações scienti-  
ficas

**O. D. C.**

como mesquinha prova de profundo reco-  
nhcimento

o seu humilde servo

L. G. PINTO DA GAMA.





## PROTASE.

Embora um vate canhoto  
Dos loucos augmente a lista,  
Seja Cysne ou gafanhoto,  
Não encontra quem resista  
Dos seus versos á leitura,  
Que diverte, inda que é dura !

(F. X. DE NOVAES.)

No meu cantinho,  
Encolhidinho,  
Mansinho e quedo,  
Banindo o medo,

Do torpe mundo,  
Tam furibundo,  
Em fria prosa  
Fastidiosa —  
O que estou vendo  
Vou descrevendo.  
Se de um quadrado  
Fizer um ovo  
N'isso dou provas  
De escriptor novo.

Sobre as abas sentado do Parnaso,  
Pois que subir não pude ao alto cume,  
Qual pobre, de um Mosteiro á Portaria,  
De trovas fabriquei este volume.

Vasias de saber, e de prosapia,  
Não tractam de Ariosto ou Lamartine  
Nem recendem as doces ambrosias  
De Lamiras famoso ou Aritine.

Sam rithmas de tarello, atropelladas,  
Sem metro, sem cadencia e sem *bitóla*  
Que formam no papel um ziguezague,  
Como os passos de rengo manquitola.

Grosseiras producções d'inculta mente,  
Em horas de pachorra construidas ;  
Mas filhas de um bestunto que não rende  
Torpe lisonja ás almas fementidas.

Sam folhas de adurente cansação,  
Remedio para os parvos d'excellencia ;  
Que aos arrobos cedendo da loucura,  
Aspiram do *poleiro* alta eminencia.

E podem collocar-se á retaguarda  
Os venerandos sabios de influencia ;  
Que o trovista respeita submisso,  
Honra, patria, virtude, intelligencia.

Só corta, com vontade nos malandros  
Que fazem da Nação seu Monte-pio ;  
No remisso empregado, *sacripante*  
No lorpa, no peralta e no vadio.

A' frente parvalhões, heroes Quixotes,  
Borrachudos *Barões* da traficancia ;  
Quero ao templo levar do grão Sumano  
Estas areas pejadas de ignorancia.

## LA' VAI VERSO !

Quero tambem ser poeta,  
Bem pouco, ou nada me importo  
Se a minha veia é discreta,  
Se a via que sigo é torta.

(F. X. DE NOVAES.)

Alta noute, sentindo o meu bestunto  
Pejado, qual vulcão de flamma ardente,  
Leve pluma empunhei, incontinente  
O fio das idéas fui traçando.

As Nymphas invoquei para que vissem  
Do meu estro voraz o ardimento ;  
E depois revoando ao firmamento,  
Fossem do *Vate* o nome apregoando.

Oh Musa de Guiné, côr de azeviche,  
Estatua de granito denegrado,  
Ante quem o Leão se poem rendido,  
Despido do furor de atroz braveza ;  
Empresta-me o cabaço *d'urucungo*,  
Ensina-me a brandir tua marimba,  
Inspira-me a sciencia da *candimba*,  
A's vias me conduz d'alta grandeza.

Quero a gloria abater de antigos vates,  
Do tempo dos heroes armipotentes ;  
Os Homeros, Camões—aurifulgentes,  
Decantando os *Barões* da minha Patria !  
Quero gravar em lucidas columnas  
Obscuro poder da parvoice,  
E a fama levar da vil sandice  
A's longinquas regiões da velha Bactria !

Quero que o mundo me encarando veja,  
 Um retumbante *Orpheo de carapinha*,  
 Que a Lyra despresando, por mesquinha,  
 Ao som decanta de Marimba augusta ;  
 E, qual outro Arion entre os Delfins,  
 Os avidos piratas embaindo—  
 As ferrenhas palhetas vai brandindo  
 Com estylo que presa a Lybia adusta.

Com sabença profusa irei cantando  
 Altos feitos da gente *luminosa*,  
 Que a trapaça movendo portentosa  
 A' mente assombra, e pasma á natureza !  
 Espertos eleitores de *encommenda*,  
 Deputados, Ministros, Senadores,  
 Galfarros Diplomatas—chuchadores,  
 De quem resa a cartilha da espertesa.

Caducas Tartarugas—desfructaveis,  
 Velharrões tabaquentos —sem juiso,  
 Irrisórios fidalgos—*de improviso*,  
 Finorios traficantes—*patriotas* ;

Espertos maganões, *de mão ligeira*,  
Emproados juizes de *trapaça*,  
E outros que de honrados teem *fumaça*,  
Mas que são refinados agiotas.

Nem eu proprio á festança escaparei ;  
Com foros de *Africano fidalgote*,  
Montado n'um *Barão* com ar de zóte—  
Ao rufo do tambor, e dos zabumbas,  
Ao som de mil applausos retumbantes,  
Entre os netos da Ginga, meus parentes,  
Pulando de prazer e de contentes —  
Nas danças entrarei d'altas *cayumbas*.



## JUNTO A' ESTATUA.

(NO JARDIM BOTANICO DA CIDADE DE S. PAULO.)

Já a saudosa Aurora destoucava  
Os seus cabellos de ouro delicados,  
E as boninas nos campos esmaltados  
De crystallino orvalho borrifava.

(CAMÕES.—*Soneto.*)

Em placida manhã serena e pura,  
Sentado á borda de espaçoso lago;  
O corpo recostado em frio marmor,  
Torridos membros sobre a terra quedos,



Qual tumido Tritão de amor vencido,  
Transpondo as serras, iracundos mares,  
D'Aurora o berço perscrutando o usado,  
Dolorosos suspiros exhalava  
Meu fragil peito da natura escravo.  
Já nas fulgidas portas do Oriente,  
Trajando purpura magestoso assoma  
Luzeiro ardente, que expandindo os raios,  
Deslumbra os olhos, e a razão succumbe ;  
E, com furtiva luz, pallidas fogem  
Notivagas espheras scintillantes.

As brandas auras perfumadas vinham  
De grato aroma que invejára Méca,  
Nos tortos ramos assoprar de manso.

Em nuvens brancas lá do céo cahia  
Pranto saudoso que derrama a Aurora,  
Que a terra orvalha, que florescia os prados.

Volatil bando de ligeiras aves,  
Brandindo as azas pelo ar brincavam,  
Modulando canções, ternas endeixas.

Longe do mundo, das escravas turbas,  
Que o ouro compra de avarentos Cresos,  
A minh'alma aos delirios se entregava,  
A' sombra de illusões—de aereos sonhos.

Formosa virgem de nevado collo,  
De garços olhos, de cabellos louros;  
Sanguineos labios, elegante porte,  
Mimoso rosto de Erycina bella,  
Curvando o seyo de alabastro fino,  
Mimosa imprime nos meus labios negros  
Gostoso beijo de voluptia ardente !—  
Vencido de prazer, nadando em gozos,  
Já temeroso pé movendo incerto,  
Vôo com ella ás regiões ethereas  
Nas tenues azas de ternura infinda.

Rasgando o véo das illusões mentidas,  
Que est'alma fragil seduzir poderam,  
Immovel terra, cambiantes flores,

Viram meus olhos no romper da Aurora ;  
E d'entre os braços, que cerrados tinha,  
Gelada estatua de grosseiro marmore !....

Candidas boninas,  
E purpureas rosas,  
Violetas roixas  
Do luar saudosas ;

Verdejantes murtas,  
Redolentes cravos,  
Lindas papoulas  
Da donzella escravos,

Ao soprar da brisa,  
Em balanço undoso,  
O mortal encantam  
N'um sonhar gostoso.

Mas fugindo as nuvens  
—Que a illusão fulgura,  
Só vagueia á sombra  
Da infernal ventura.

## SORTIMENTO DE GORRAS

PARA

### **A GENTE DO GRANDE TOM.**

Seja um sabio o fabricante,  
Seja a fabrica mui rica,  
Quem carapuças fabrica  
Soffre um dissabor constante:  
Obra prompta, vòa errante,  
Feita avulso, e sem medida ;  
Mas no vôo suspendida,  
Por qualquer que lhe appareça,  
Lá lhe fica na cabeça,  
Té as orelhas mettida.

(F. X. DE NOVAES.

Se grosseiro alveitar ou charlatão  
Entre nós se proclama sabichão ;  
E, com *cartas* compradas na Allemanha,  
Por anil nos impinge ipecacuanha;

Se mata, por honrar a Medicina,  
Mais voraz do que uma ave de rapina ;  
E n'um dia, si errando na receita,  
Pratica no mortal cura perfeita ;  
Não te espantes, ó Leitor, da novidade,  
Pois que tudo no Brasil é raridade !

Se os *nobres* d'esta terra, empanturrados,  
Em Guiné teem parentes enterrados ;  
E, cedendo á prosapia, ou duros vicios,  
Esquecem os negrinhos seus patricios ;  
Se mulatos de côr esbranquiçada,  
Já se julgam de origem refinada,  
E, curvos á mania que os domina,  
Desprezam a *vovó* que é preta-mina :  
Não te espantes, ó Leitor, da novidade,  
Pois que tudo no Brasil é raridade !

Se o governo do Imperio Brasileiro,  
Faz cousas de espantar o mundo inteiro,  
Transcendendo o Autor da geração,  
O jumento transforma em *sor Barão*;

Se estúpido matuto, apatetado,  
 Idolatra o papel de mascarado ;  
 E fazendo-se o lorpa deputado,  
 N'Assembléa vai dar seu—*apolhado*:  
 Não te espantes, ó Leitor, da novidade,  
 Pois que tudo no Brasil é raridade !

Se impera no Brasil o patronato,  
 Fazendo que o Camello seja Gato.  
 Levando o seu dominio a ponto tal,  
 Que torna em sapiente o *animal* ;  
 Se deslustram hoprosos pergaminhos  
 Patetas que nem servem p'ra meirinhos,  
 E que sendo formados Bachareis,  
 Sabem menos do que pêcos bedeis :  
 Não te espantes, ó Leitor, da novidade,  
 Pois que tudo no Brasil é raridade !

Se temos Deputados, Senadores,  
 Bons Ministros, e outros chuchadores ;  
 Que se afferram ás tetas da Nação  
 Com mais sanha que o tigre, ou que o Leão ;  
 Se já temos calçadas—*mac-lama*,  
 Novidade que esfalfa a voz da Fama,

Blasonando as gazettas —que ha progresso,  
 Quando tudo caminha p'ra o regresso :  
 Não te espantes, ó Leitor, da pepineira,  
 Pois que tudo no Brasil é chuchadeira !

Se contamos vadios empregados,  
 Porque sam de potencias afillhados,  
 E succumbe, á matróca, abandonado,  
 O homem do criterio, que é honrado ;  
 Se temos militares de trapaça,  
 Que da guerra jámais viram fumaça,  
 Mas que empolgam chistosos ordenados,  
 Que ao povo, sem sentir, sam arrancados :  
 Não te espantes, ó Leitor, da pepineira,  
 Pois que tudo no Brasil é chuchadeira !

Se faz opposição o Deputado,  
 Com discurso medonho, enfarruscado ;  
 E pilhando a maminha da lambança,  
 Descrepa do papel, e faz mudança ;  
 Se esperto capadocio ou maganão,  
 Alcança de um jornal a redacção,  
 E com quanto não passe de um birbante,  
 Vai fisingando o metal aurisonante :

Não te espantes, ó Leitor, da pepineira,  
Pois que tudo no Brasil é chuchadeira !

Se a guarda que se diz—Nacional,  
Tambem tem caixa-pia, ou muzical,  
E da qual o dinheiro se evapora,  
Como o—Mal—da bocêta de Pandora ;  
Se depois por chamar nova pitaça,  
No fundo se conserva a—Esperança ;  
E n'isto resmungando o cidadão  
Lá vai ter ao calvario da prisão :  
Não te espantes, ó Leitor, da pepineira,  
Pois que tudo no Brasil é chuchadeira !

Se temos magestosas Faculdades,  
Onde imperam egregias potestades,  
E, apêzar das luzes dos mentores,  
Os burregos tambem sahem Doctores ;  
Se varões de preclara intelligencia  
Animam a nefanda decadencia,  
E a Patria sepultando em vil desdouro,  
Perjuram como judas—só por ouro :  
E' que o sabio, no Brasil, só quer lambança,  
Onde possa empantufar a larga pança !



Se a Lei fundamental—*Constipação*,  
 Faz papel de fallaz camaleão,  
 E surgindo no tempo de eleições,  
 Aos patetas illude, aos toleirões ;  
 Se luzidos Ministros, d'alta escolha,  
 Com geito, tambem mascam *grossa rolha* ;  
 E clamando que—sam independentes—,  
 Em segredo recebem bons presentes :  
 E' que o sabio, no Brasil, só quer lambança,  
 Onde possa empantufar a larga pança !

Se a Justiça, por ter olhos vendados,  
 E' vendida, por certos Magistrados,  
 Que o pudor afferrando na gaveta,  
 Sustentam—que o Direito é pura pêta ;  
 E si os altos poderes sociaes,  
 Toleram estas scenas immoraes ;  
 Se não mente o rifão, já mui sabido :  
 —*Ladrão que muito furta é protegido*—  
 E' que o sabio, no Brasil, só quer lambança  
 Ondê possa empantufar a larga pança !

Se ardente campeão da liberdade,  
 Apregoa dos povos a igualdade,

*Libellos* escrevendo formidaveis,  
Com phrases da peçonha impenetraveis ;  
Já do Céu perscrutando alta eminencia,  
Abandona os tropheos da intelligencia ;  
Ao som d'argem se curva, qual vilão,  
O nome vende, a gloria, a posição :  
E' que o sabio, no Brasil, só quer lambança,  
Onde possa empantufar a larga pança !

E se eu, que amigo sou da patuscada,  
Pespego no Leitor esta maçada ;  
Que já sendo avesado ao soffrimento,  
Bonachão se tem feito e pachorrento ;  
Se por mais que me esforce contra o vicio  
Desmontar não consigo o artificio ;  
E quebrando a cabeça do Leitor  
De um tarélo não passo, ou fallador ;  
E' que tudo que não cheira a pepineira  
Logo taxam de maçante frioleira.



## O VELHO NAMORADO.

Pobre velho ! Estás perdido,  
Se n'esse couro tão duro,  
Pôde ainda fazer-te um furo  
Uma setta de Cupido !  
D'esse mal accommetido,  
Remedio te não darão ;  
Quen'essa idade a paixãõ,  
Bem que assim te não pareça,  
E' molestia da cabeça,  
Que não sente o coração.

(F. X. DE NOVAES.)

Um velho demente,  
Mimoso ratão,  
Fiado em Cupido,  
Quiz ser *Maganão*.

Janeiros sessenta  
Contava o patola,  
Com rugas na cara,  
Com ar de farçola.

Gorducho e roliço,  
Qual porco catête ;  
Cabeça de coco,  
Nariz de pivete.

De pança crescida,  
Andar de garoto,  
Franzido sobr'olho,  
Olhar de marôto,

Cedendo á loucura,  
Que d'elle zombava,  
A barba e cabelo  
Cuidoso pintava.

Brunia os sapatos,  
O fato escovava ;  
Na dextra grosseira  
Bengalla empunhava.

Se via á janella  
Mocinha dengosa ;  
De lindo semblante  
E labios de rosa :

Então, derretido,  
O velho lapuz,  
Saltava, gingava,  
Qual joven de truz.

Se a bella formosa,  
Por mofa, sorria,  
O pobre do *punga*  
Alentos bebia.

Assim pretendia  
Esposa encontrar,  
Que a sua rabuje  
Quizesse aturar.

Eis chega-se o dia  
De amor inspirado ;  
Enfeita-se o asno,  
Assim preparado.

Da cara deidade  
Trepando as escadas,  
Com furia de bravo,  
Dá quatro palmadas !

Lá corre a criada,  
Mulata faceira,  
De porte agradavel,  
Nos modos brejeira ;

E vendo o basbaque  
A' moda vestido,  
Exclama, sorrindo :  
« Que lindo Cupido !...

« Bonita casaca,  
« Collete bordado ;  
« Chapéo de patente,  
« Cabello *pintado* !...

« Vem tão bonitinho !...  
« A quem quer fallar ?  
« —Co'a dona da casa  
« Desejo tractar. »

Escanc'ram-se as portas,  
Lá entra o velhote,  
De negra azeitona  
Redondo ancorote.

Eis chega a matrona,  
Que a casa dirige;  
D'aquella visita  
A dona se afflige.

Tambem vem com ella  
Formosa menina,  
De louros cabellos  
E face divina.

« Que ordenas, pergunta,  
« *Illustre mancebo?* »  
Estufa-se o lorpa,  
Cupido de sebo !

Prepara a garganta,  
Tomando postura,  
A' frente se põe  
Da prenda futura.

E qual orador,  
Em pleno auditorio,  
O gebas começa  
O seu palanfrorio :

O' Venus pudibunda, sem igual,  
A teus pés aqui tens este animal,  
Que vencido de amor, pelos teus gestos,  
Curvado te apresenta os seus protestos !  
Vencestes do bigode—autoridade,  
Do soldado a cruel severidade !  
Este todo que vês tão rijo e duro,  
Em borra ficará para o futuro ;  
Este peito que bate só por ti,  
Já rendido e quebrado o tens aqui.  
Guerreiro das campanhas *cupidarias*,  
Dos mercurios, jalapas e fumarías.  
Sou velho, mas em tudo tão perfeito,  
Que não conto, sequer, um só defeito !

Agora tu, matrona ajuizada,  
Que pariste esta prenda delicada,  
Consente no casorio desejado,  
—Não faças do *velhote* um desgraçado !



Notando a donzella,  
Que o pêco farfante,  
Vencido de amores,  
Se fez um pedante;

A elle se chega,  
Com ar seductor,  
Que os peitos encanta  
Que mata de amor;

Com gesto feminio  
Que a mentê não trahe,  
Sorrindo, lhe disse:  
« A benção, papae!... »

Depois, prazenteira,  
A face voltando,  
Com garbo de fada  
Se foi retirando!...

E com esta chalaça tão picante  
O avô de Saturno, delirante,  
*Não ficou homem, não, mas mudo e quedo*  
*Qual junto de um penedo outro penedo!*  
E, depois que sentiu-se cudilhado,  
Pela porta tomou, muito enfiado.

## NO ALBUM

DO MEU AMIGO J. A. DA SILVA SOBRAL.

Amigo. . . . .  
Pedes um canto na lyra,  
A quem apenas lhe tira  
Sons de viola chuleira ?  
Insistes d'essa maneira ?  
Não sabes que, por desgraça,  
Por mais esforços que faça  
Por ser vate é sempre em vão ?  
Não vês que menté o rifão :  
*Quem porfia mata caça?*

(F. X. DE NOVAES.)

Se tu queres, meu amigo,  
No teu alb''um pensamento  
Ornado de phrases finas,  
Dictadas pelo talento ;

Não contes comigo,  
Que sou pobretão :  
Em cousas mimosas  
Sou mesmo um ratão.

Não fallo das flores,  
Dos prados não fallo,  
Nem tracto dos sinos  
Porque teem badalo ;

Da rôla que geme,  
A' borda do ninho,  
Do tenue regato  
Que corre mansinho ;

Nem das travessuras  
Do terno Cupido,  
Que faz do beato  
Janota garrido.

Mas se queres què alinhave  
Palavras desconchavadas,  
Desculpa, com paciencia,  
Sandices que vão rithmadas.

Desprenda-se a veia,  
Comece a festança,  
Mordendo, cortando—  
Com toda chibança.

Ateie-se a Musa,  
Na magra cachola,  
Com phrases flammandes  
De chôcho pachola.

E qual estudante,  
Campando de sabio,  
Que empunha a luneta,  
Que é seu astrolabio :

Eu pego na penna,  
Escrevo o que sinto ;  
—Seguindo a doutrina  
Do grande Filinto.

Que estou a dizer ? !  
Bradar contra o vicio !  
Cortar nos costumes !  
Luiz, outro officio...

Não luctes com isso,  
Trabalhas em vão ;  
E podes tocar  
N'algun *paspalhão*.

Vai lá para a tenda  
Pegar na sovela,  
Coser teus sapatos  
Com linha amarella.

Mordendo na sola,  
Empunha o martello,  
Não queiras, com *brancos*,  
Metter--te a tarelo.

Que o *branco* é mordaz,  
Tem *sangue azulado* ;  
Se boles com elle  
Estás *embirado*.

Não borres um livro,  
Tão bello e tão fino ;  
Não sejas pateta,  
Sandeu e mofino.

Sciencias e letras  
Não são para ti  
Pretinho da Cost  
Não é gente aqui.

Ouvindo o conselho  
Da minha razão.  
Callei o impulso  
Do meu coração.

Se o muito que sinto  
Não posso dizer,  
Do pouco que sei  
Não quero escrever.

Não quero que digam  
Que fui atrevido;  
E que na sciencia  
Sou intromettido.

Desculpa, meu caro amigo,  
Eu nada te posso dar;  
Na terra que rege o *branco*,  
Nos privam té de pensar!...

Ao peso do captiveiro  
Perdemos razão e tino,  
Soffrendo barbaridades,  
Em nome do Ser Divino!!

E quando la no horizonte  
Despontar a Liberdade;  
Rompendo as ferreas algemas  
E proclamando a igualdade;

Do chôcho bestunto  
Cabeça farei;  
Mimosas cantigas  
Então te darei.—



## O GAMENHO.

Parece-me impossível que o gamenho,  
Que cuidadoso só tracta do cabello,  
Não tenha transformádo em um novello  
O miolo que encobre tal sedenho !

\* \*

Lá ginga na praça  
Gentil namorado ;  
Vai tão adamado,  
Que as bellas mais dengues  
Lhe rendem mendengues.



Passinhos de Nympha  
Mimosa, engraçada ;  
Parece uma fada,  
Nem Venus formosa  
Como elle é garbosa !

Tregeitos femineos,  
Pisar delicado,  
Andar compassado ;  
Oh céos, que luxuria,  
Que terna meluria !—

Que ar seductor,  
Que todo elegante,  
Que lindo semblante,  
Que pé delicado—  
Parece moldado !

Mas se queres, Leitor, ver um contraste,  
Adonis em Morcego transformado,  
Ou Cupido em figura de Macaco—  
Approxima-te ao nescio namorado.

E' um velho farçola, desfructavel,  
Com fumaças de joven, repimpado,  
Que ao ridiculo se presta, qual demente,  
Figura de prezepe ou mascarado.



## MOTE.

E não pôde negar ser meu parente !

## SONETO.

Sou nobre, e de linhagem sublimada,  
Descendo, em linha recta dos *Pegados*,  
Cuja lança feroz desbaratados  
Fez tremer os guerreiros da Cruzada !

Minha mãe, que é de prôa alcantilada,  
Vem da raça dos Reis mais affamados ;  
—Blasonava entre um bando de pasmados  
Certo parvo de casta *amorenada*.

Eis que brada um peralta retumbante ;  
«—Teu avô, que de cor era latente,  
« Teve um neto mulato e mui pedante !»

Irrita-se o fidalgo qual demente,  
Trescala a vil catinga nauseante,  
E não pôde negar ser meu parente !

## A UM FABRICANTE DE PILULAS.

SONETO.

**Illms. Srs. da Municipal.**

Diz Dom Sancho careca, o carraspanas,  
Antigo charlatão pelotiqueiro,  
Por força da natura cozinheiro,  
Actual compositor de trabusanas,

Que a bem de seus direitos, sem chicanas  
Por honra da sciencia, em que é primeiro,  
Os fóros se lhe dê de calhandreiro  
Dos effeitos das *purgas paulistanas*.

E sendo o supplicante o sabichão,  
Inventor do systema da rapina,  
Reclama uma patente de invenção.

Requer para seu uso uma batina,  
De burro uma queixada por brasão,  
Sem fundos um barril por barretina.

## AO MESMO.

### SONETO.

Qual de pedra colosso ou monte Atlante,  
De horrenda catadura, horrendo porte,  
Rugindo se apresenta qual Mavorte,  
Borrachudo *Averroes* alti tonante.

Impondo de Doctor o ruminante,  
De catrambias atira a negra morte,  
Das fauces lhe despara o vento norte  
Com tremendo estampido retumbante.

Eis que surge *Chiron* d'alta memoria  
E vendo esse monturo de bagaço  
Raivoso então bradou, rasgando a historia :

« Silencio, ó charlatão ! Nem mais um passo,  
« Que levo-te a vergalho, á palmatoria,  
« Transformo-te n'um burro, e mais não faço.

## ARREDA QUE LÁ VAI UM VATE !

Quiz um pobre sandeu apatetado  
Sobre as grimpas guindar-se do Parnaso ;  
Empunha uma bandurra desmanchada,  
E nas ancas se encaixa do Pegaso.

As crinas se afferrando, como doudo,  
No bandulho do bruto as pernas cerra ;  
Manquejando na prosa, em verso rengo,  
Ufanoso da gloria exclama e berra :

Ao Parnaso ! Ao Parnaso subir quero !  
Sonoroso anafil empunho ousado,  
Para a fama elevar do sacrilegio  
Com meu fôfo bestunto estuporado.

Os gatos mostrarei fugindo aos ratos,  
Vistosos fructos em arbusto pêco ;  
Jumentos a voar, touros cantando,  
E grandes tubarões nadando em secco !

Espanta-se o cavallo ao som da asneira,  
E cuidando em si ter outro que tal,  
Com saltos e corcovos desmedidos  
O pateta lançou n'um tremedal.

Todo em lama, o coitado, bezuntado,  
A bandurra tocou destemperada,  
E, por fim do descante, só ficaram  
Asneiras e sandices—patacoada.



## A PITADA.

A pitada é cousa grande,  
Vem de engenho sublimado;  
E' capaz de tirar monco  
Do nariz mais confiado.

Certo Papa alti-potente,  
D'ella tendo experiencia,  
Suspendeu suas tomadas,  
Por temer sua influencia.

Não respeita velho ou moço,  
Seja preto ou côr de giz;  
Sahe do bote para a caixa,  
E da caixa p'ra o nariz.



E' prazer que não se explica,  
Ardorzinho que consola,  
Vicio honesto, innocentinho,  
Protegido pela estola.

Contra o peso da cabeça,  
E' remedio tão gabado,  
Que o não deixa um só momento  
Todo o homem que é casado.

Toma a velha, a moça toma,  
Toma a negra, toma a branca,  
Toma o rico, toma o pobre,  
Tendo a venta sempre franca.

Té nos lybicos desertos,  
Toma o barbaro gentio,  
Torvo esturro côr de barro,  
Recrestado ao sol de estio.

Oh! pitada milagrosa,  
Pitadinha portentosa!  
Eu quizera ser um Dante,  
Ter uma harpa resonante,  
P'ra cantar a tua gloria,  
Sobre as aras da memoria.

Não te zangues, pitadinha,  
 Pitadinha amarellinha ;  
 Pobre filho da tarimba,  
 Vou cantar-te na marimba.  
 Attendei, oh tomadores,  
 Que eu começo os meus louvores !  
 E' tão bella, é tão gabada  
 A virtude da pitada,  
 Que não ha quem lhe resista,  
 Seja cego ou tenha vista !  
 Nem a velha recurvada,  
 Nem a moça enamorada,  
 Nem o padre, nem o frade,  
 Seja leigo ou seja abbade,  
 São capazes de fugir,  
 Evitar ou resistir,  
 A tendencia exacerbada,  
 Pela força da pitada !  
 Quem resiste ao bom tabaco,  
 Quer do binga quer de caco ? !  
 Toma o menino de escola,  
 Para ter fresquinha a bola ;  
 Toma o rude lavrador,  
 Toma o sabio professor :  
 Velhos lentes jubilados

Pelos annos alquebrados,  
O vagaroso porteiro,  
Os vigarios, o sineiro,  
Toma o mestre de francez,  
O de latim, o de inglez,  
O boçal qu'inda é caloiro,  
Que o tomar não é desdoiro ;  
Veteranos, bachareis,  
Secretarios e bedeis,  
Directores de collegios,  
Apezar dos privilegios ;  
Tambem toma, por mania,  
O que explica geometria.  
E narizes tem-se visto,  
Com prosapias de resisto,  
Que chupitam n'um momento,  
De tabaco bolorento,  
Duas libras, bem pesadas,  
Embutidas por pitadas.

A pitada é cousa grande,  
Vem de engenho sublimado,  
E' capaz de tirar monco  
Do nariz mais confiado.

Não tem bom gosto,  
Quem fero, altivo,  
Se mostra esquivo  
A' pitadinha;  
Que é cousa santa,  
Contra azedumes,  
Negros ciumes,  
Tomada azinha.

Quer de cangica,  
Quer de semonte,  
Refresca a fronte,  
Tomada azinha;  
Por ella morre  
Gentil donzella  
Formosa e bella  
Tão moreninha.

Alegre toma,  
Morta de amores,  
Libando as flores,  
Qual avesinha,

Nivea loureira  
Na orlada venta  
Brandinha e lenta  
A pitadinha.

Toma a casada,  
Toma a solteira,  
A honesta freira,  
Que é bonitinha ;  
Entre os dedinhos,  
Alvos, brunidos,  
Com graça unidos,  
A pitadinha.

Do genio afasta,  
Suavemente,  
A impertinente,  
Fera zanguinha ;  
Sara quebrantos,  
Paixões de amores,  
Acerbas dôres,  
Tomada azinha.

Qual o volátil,  
Que innocentinho,  
Deixando o ninho,  
Beija a florinha,  
Assim, deidades,  
Que as auras beijão,  
Ternas almeirão  
A pitadinha.

Lindas meninas,  
No seu passeio,  
Levão—no seio—  
A bocetinha,  
Para tomarem,  
Co'as companheiras,  
Por brincadeiras,  
A pitadinha.

E si o espirro,  
Deixando a toca,  
Vem á taboca,  
Ligeiro e rude;

Então o bando  
De Hurys formosas,  
Quaes niveas rosas;  
Hum—Deus *lhe* ajude.



## O BALAO.

Requeiro oh Musa,  
Do grande Urbino,  
Pincel divino,  
D'alto rojão ;  
De Tasso o genio,  
De Homero a fama,  
Que o mundo acclama,  
D'aurea feição.

Que cantar quero ,  
Vibrando o plectro,  
Com doce metro,  
Ancho ba lão ;



Erguendo aos ares  
Novas esferas,  
Tontas megeras,  
De rubiçãõ.

Guapos rapazes,  
Velhos caducos,  
Sandeus, malucos,  
Por devoçãõ;  
Que, por pachólas,  
O siso despem,  
E á moda vestem,  
Lá do japão.

Rompa-sé a marcha !  
Eis um capenga,  
Que untada a quenga  
Traz de sabão ;  
Andar cadente,  
No gesto grave,  
E grossa trave  
Tem por bastão !

O' que prosapia !  
Traja com gosto,  
Tem o composto  
De um figurão !  
Vem atacado,  
E tam rotundo,  
Que affronta o mundo,  
Com seu balão !

Desfez-se o homem,  
E não é peta,  
Fez-se planeta,  
— De Escorpião — !  
Tem gaz na pança,  
Suspiro e bomba,  
— Astro de tromba,  
Luz de alcatrão !

Olá ! que vejo !  
Qual nivea estrella,  
De luz singela,  
Tem o clarão !

Mimosa fada,  
Que os genios doma,  
Ampla redoma,  
Do Indostão !

Faz mil requebros,  
Gentil donzella,  
Qual rosa bella  
Contra o tufão ;  
Salta e corcova,  
Como charrua,  
Quando fluctua,  
Sem capitã !

Silencio ! é ella !  
Tam vapôrosa  
Vem, e formosa,  
— Que treme o chão !  
Gordo cetaceo,  
Deixando os mares,  
Que affronta os lares,  
Sobre um balão !

Eu te saúdo,  
Oh tartaruga,  
Romba taruga,  
De barracão !  
Monstro que alojás,  
Sob os babados,  
Dez mil soldados,  
Do rei Plutão !

Planeta aquario,  
Veloz, possante,  
Que vaga errante,  
Sem região ;  
Pharól tremente,  
D'estreita barra,  
Que o leme emparra,  
Do galeão.

Diz a gazetta,  
(Caso de fama)  
Que certa dama,  
N'uma função,

Fôra atacada,  
De flato horrível,  
Que apoz *hirtivel*,  
No raso chão.

Dose mancebos  
A carregaram;  
E collocaram,  
Sobre um colchão,  
E a castidade,  
Sem offenderem,  
Para fazerem,  
Fomentação ;

Foram tirando,  
Sem causar maguas,  
Fofas anaguas,  
De camelão;  
Curvadas molas,  
Arcos de pipa,  
Cordas de tripa,  
E um rabeção.

Caixas de guerra,  
Rouco zabumba,  
Que além retumba,  
Como trovão ;  
Felpuda palha  
Para viveiros,  
Dous travesseiros,  
E um trombão.

Eis que debaixo,  
Do tal babado,  
Pula espantado,  
De supetão,  
Tremendo gato,  
Miando, afflicto,  
Mais esquesito,  
Que um sachristão !

Bradaram todos —  
Que era feitiço,  
Ou malificio,  
De Phaetão,

Chamou-se logo,  
Para o sinistro,  
Certo ministro,  
Do alcorão.

Chega o bojudo,  
Doctor Trapaças,  
Que tem fumaças,  
De sabichão ;  
Pega na penna,  
Lavra a receita,  
— Para maleita —  
Chá de gervão.

Suspira a moça,  
No brando leito,  
De novo aspeito,  
Se amostra então ;  
Era a doença,  
Pobre innocente,  
A lava ardente,  
Do seu balão !

Casos de estrondo,  
Já se tem visto,  
Que aqui registro,  
Do tal balão,  
Attendam todos,  
Não façam bulha,  
Que tem borbulha,  
A narração.

Se algum marujo,  
Fino tratante,  
Faz-se de impante  
Politicão ;  
Muda de credo,  
Virá a casaca,  
— O gaz ataca,  
No seu balão.

Mas si perdendo  
Atramontana,  
Qual Zé banana,  
Pilha o tufão ;



Foge ao perigo,  
Deixa a catraya,  
*Buscando a praya,*  
E' charlatão.

Inda que berre,  
Inda que brade,  
Qual rubro frade,  
Com máo sermão;  
Um povo inteiro,  
Lhe diz em face :  
E's um fallace  
Camaleão.

Se na fachada,  
De um *bom* marido,  
Que foi trahido,  
Surge um polmão ;  
Exclama a esposa,  
Que sam esguichos,  
Ou tubos fixos,  
Para o balão !

Quem tal diria,  
Que na fachada,  
Tam respeitada,  
Do cidadão ;  
Se assestariam,  
Torcidas molas,  
Curvas bitólas,  
Para o balão !...

Rengas moçoilas,  
De pernas finas,  
Teem lamparinas,  
Oleo e carvão ;  
Para empinarem,  
O bojo enorme,  
Do desconforme,  
Monstro balão.

Tambem a velha,  
De gambia esguia,  
Traz, por mania,  
Fôfo balão ;

Mas, rôta a bomba,  
E' qual sanfona,  
Que zune e trona,  
De cantochão.

Boçaes donzellas,  
Finas varetas,  
Magros cambetas,  
Teem seu balão ;  
Gaz hydrogenio,  
Tam sublimado,  
Que, destampado,  
Faz de trovão !

Não ha cegonha,  
Torta gazela,  
Nem magricela,  
Que de balão ;  
Não faça rodas,  
Com tal rebojo,  
Que vence, em bojo,  
Nescio pavão !

Nem rapazola,  
Parvo e pedante,  
Que todo impante,  
Qual histrião ;  
Não julgue ousado,  
Pobre pichote,  
Ser Dom Quichote,  
Sobre o balão !...

E tu, oh genio,  
Sublime e raro,  
A quem deparo,  
N'esta invenção ;  
Nas aureas letras,  
Da sabia historia,  
Verás a gloria —  
Na exposição.



## A UM FABRICANTE DE PIRULAS.

Exulta oh Paulicea, a fronte eleva  
Sorri da Grecia e de Esculapio estulto,  
Affronta o velho mundo, ousada rompe  
Nas aras da memoria ergue o teu vulto.

Cidade eterna de prodigios altos,  
Que o genio domas de Misray potente,  
Encrava em bronze com douradas letras  
Teu nome excelso de poder ingente.

O Cairo, a Grecia, a Babylonia antiga,  
A culta França e a Bretanha ousada,  
Ouvindo a fama que o teu nome alteia  
Vacillam, tombam do lethargo ao nada !

Os vultos da sciência purgatoria  
Osiris e Chiron, o louro Apollo,  
Vencidos de terror medrosos tremem,  
E as fronte's curvão no gretado solo !

Quem ha que possa competir contigo,  
Viçoso berço de varoens preclaros?  
Nem Podalyros de saber profundo,  
Ou d'aurea Praxithea os filhos charos !

Se alguém tentar sobrepujar teu nome,  
De inveja prenhe e de lethal veneno,  
Soberba aponta para o vulto herculeo  
Do *Pirulista* de assombroso aceno.

Heróe fulgente, qual não vio Athenas  
Em almos dias que a sciencia esmaltam;  
*Professor magnus* de purgantes acres—  
Em piruletas que curando matam !

Impando affirma—que com bravas hervas  
Sarou morphéa, e tudo mais que diz,  
Tornou formosos carcomidos corpos,  
Com pelle e carne, e magistral nariz

Famintos cura, de dinheiro a falta,  
 Cabeças ôcas, de juizo ausencia,  
 Barriga dura, catarrhal defluxo,  
 A hydropisia e perennal demencia !

E para assombro, do renome, amostra,  
 Em um—*Correio Paulistano*,—antigo,  
 O sello, a prova d'esta gran verdade,  
 Depois o prega em besbelhal postigo.

Caducas velhas de viver cansadas,  
 Que teem na coma claraboya immensa,  
 Tomando as dóses do doctor chamfana  
 Concebem, parem, sem temer doença !

Eis troam, rugem na rotunda pansa  
 Trovoens soturnos, sibilantes ventos,  
 Farpados rayos coruscantes ardem  
 Na cava estreita, em barrigaes tormentos !

Tomou aquella, por debique ou luxo.  
 Das taes pirúlas seis massitos—só !  
 Da pansa em fóra descretou bramindo  
 Maçada horrenda, ventania e pó !

E de improviso, por mysterio occulto,  
Ou providencia do remedio sancto,  
Sentiu crescer-lhe a barrigaça a velha—  
Um filho teve por fatal encanto !

Lá mais dous casos de eternal memoria  
Um velho rengo, uma viuva annosa ;  
Purgado aquelle se transforma em joven,  
A velha em moça virginal formosa !

Silencio, oh povos ! que lá vem milagre,  
Repiquem sinos badalar tem-tem !  
Attentos mirem da gazeta o caso ;  
— Lá parem velhas de janeiros cem !

Estende as azas oh Galeno herculeo,  
Adeja em torno da virente Clio ;  
Daspreza os parvos, a sandice estulta,  
Berrar de sapos e da inveja o pio.

Em throno calhandral erguido aos ares,  
Entre nuvens de incenso purgantino,  
Recebe as ovações da gente enferma,  
Nas salvas do ribombo tiberino.



Exulta, oh Paulicéa, a fronte eleva  
Sorri da Grecia e de Esculapio estulto  
Affronta o velho mundo, ousada rompe,  
Nas aras da memoria ergue o teu vulto.

Rasgando os ares, da victoria certa,  
Varrendo as ondas co'os prodigios teus,  
Sacode os astros, as montanhas quebra,  
Renome imprime nestes versos meus,

E o tal Galeno de purgar sedento,  
Que as vidas troça por eterno sonho,  
Eleva ao cume das espheras lucidas,  
Nas crespas azas do tufão medonho.

Em torvo monte de fecaes materias,  
Quaes dundaras montanhas solevadas,  
Receba altivo a coruscante aureola  
Das mãos da fera Parca descarnadas!

S. Paulo.



## A' UM NARIZ.

Você perdôe,  
Nariz nefando,  
Que eu vou cortando  
E ainda fica nariz em que se-assoe.

G. DE MATTOS.

Ahi vai, leitores,  
Um monstro esguio  
Que em corropio  
De uma rua tem posto os moradores.

Mayor que a prôa  
Da náó de linha,  
Tem camarinha  
Aonde á tarde se-obumbra a tocha còa.

Rinoceronte  
De tromba enorme,  
Mais desconforme  
Do que o mero, a baleya, o catodante.

Nariz bojante,  
Recurvo e longo,  
Que lá do Congo  
Alcança o Tenerife e monte Atlante.

De raça slava  
Tremenda espiga,  
E ha quem diga  
Que n'ella Poliphemo cavalgava.

Nariz alado,  
De côr bringela,  
Que de pinguella,  
Serviu no amasonas celebrado.

E senão mente  
A tradição,  
De lampeão  
Fazia n'um pharol da Lybia ardente.

Nariz de páo,  
Com tal composto,  
Que sobre o rosto  
Tem fórma de bandurra ou birimbáo.

Cavado e torto,  
Formal tripeça,  
Fundido á pressa  
Nas forjas de Vulcano—por aborto.

Nariz de forno,  
De amplas badanas,  
Que mil bananas  
Aloja em cada venta; sem transtorno.

E' tam famoso  
O tal nariz,  
Que por um triz  
Não fez parte do cabo tormentoso.

Qual catatão  
Da testa pende,  
E alguém entende  
Ser ninho de coruja ou picapão.

Nariz de barro;  
Mas não cosido,  
Que suspenso,  
Sobre as grimpas da lua vai de esbarro.

De quanto fiz  
Não se-enraiveça;  
Não enrubeça,  
Que p'ra dar e vender sobra nariz.



## **UMA ORCHESTRA.**

**Por certa cidade  
Sosinho vagando,  
Ao morbido corpo  
Allivio buscando :**

**Accorde harmonia  
Ao longe escutei,  
E aos dulios accentos  
Meus passos guiei.**

Além, n'uma rua,  
Em casa antiquada,  
Diviso ao luar  
De Euterpe a morada.

A' ella me chego,  
Com gesto tardio,  
Por entre as janellas  
Os olhos enfio.

Mas eis que diviso  
Um velho zangão,  
Zurzindo raivoso  
No seu rebecão.

Marcava o compasso,  
A pansa empinava,  
Que, em clave de *bufo*,  
Confusa roncava...

Mexia-se todo,  
Fazendo caretas;  
As ventas fungavão  
— Sonantes trombetas.

Na vasta batata;  
Que tem por nariz,  
Formára seu ninho  
Crescida perdiz.

Sobr' ella, de encaixe,  
Luzindo se via  
A vitrea *cangalha*  
Que a vista auxilia.

N'um lado da penca,  
Emalto degráo,  
Serenamente cantava  
Audaz Picapáo.

Da lucta cansado,  
Tremendo e suando,  
A bola afrescava  
Pitadas tomando.

As grossas c' ravelhas  
Ligeiro torcia,  
Na banza afinada  
De novo zurzia.



— Sentada n'um canto,  
Bochechas inchadas,  
De solfa na frente,  
Em notas pausadas,

De venta enfunada,  
Com ar de Sultão,  
A dona da casa  
Tocando trombão !

— Formosa deidade,  
Galante Cyprina,  
— Vestida á romana—  
Trajando batina,

Tapava os suspiros  
De seu clarinete,  
Soprando com furia  
D'um anglo paquete !

A filha mais velha  
Do tal Coripheo,  
Que em flauta d'um tubo  
Tem fama d'Orpheo,

Melliflua tocava  
No seu canudinho,  
A menos preludios,  
Lundú miudinho.

A outra, segunda,  
Dione formosa,  
Impando as bochechas,  
Possante e raivosa

Berrava na trompa,  
Qual doida *Avertana*,  
Mão-dentro, mão-fóra  
Da rasa campana !

Ridente menina,  
Que um lustre contava;  
Roliça baqueta  
Airosa empunhava.

Nos pratos batia,  
Malhava o zabumba,  
N'um moto continuo  
De *bumba-catumba* !

No meio da bulha,  
Que os ares feria,  
O velho, de gosto,  
Contente sorria.

A testa esfregava  
Co'a dextra enrugada,  
Nas largas *ventrechas*  
Sorvia a pitada.

Com voz de soprano,  
Fazendo tregeitos,  
Alegre exclamava,  
Battendo nos peitos :

« — Maestros famosos  
« Da Grecia não temo,  
« Nem Chinas ou Persas  
« Da raça do demo.

« A' todos confundo  
« Com meu rebecão,  
« Que ronca e rebrame,  
« Qual fero trovão !

« Ferindo estas cordas  
« Bezerros imito,  
« Grunhido de porcos,  
« Berrar de cabrito ;

« Zurzidos de burros  
« Miados de gato,  
•« Coachados de sapos  
« — Em tom pizzicato—.

« Oh vinde Maestros  
« Da Italia e da França,  
« De passo ligeiro  
« Dançar contradança !

« Oh vinde Aritino,  
« Mozart e Rossini,  
« Deixando a rebeca  
« Tambem Paganini !

« Que todos patetas  
« Aqui ficarão,  
« Ao som retumbante  
« Do meu rebecão !

« — Toquemos meninas,  
« Faceiras Camenas,  
« Valsitas, quadrilhas  
« Nas brandas avenas.

« E todos alegres,  
« Vibrando o compasso,  
« Os nomes gravemos,  
« Na lyra d'um Tasso !... »



O GRANDE CURADOR DO MAL DAS  
VINHAS.

Cesse tudo quanto a antiga Musa canta,  
Que outro valor mais alto se alevanta !

CAMOENS.—*Lus. Cant. 1.*

Cá do antro negregado em que eu habito,  
Envolto na pobreza que me opprime ;  
Da fatal ignorancia ao duro peso,  
Qual o réo que commette horrendo crime.

Ao mundo não lembrado, como a sombra  
De ignorado Pastor em ermos valles;  
Soffrendo da miseria atroz revezes,  
Do meu fado curtindo acerbos males :

Prostrado á somnolencia que domina  
A' turba dos mortaes assim rendidos,  
De repente desperto ao som medonho  
De brados estridentes—alaridos !

Impavido, correndo, me encaminho,  
Em busca do successo não cuidado,  
Que, os ares atroando, se annuncia,  
Qual fero Adamastor, bramindo irado !

A' trancos e barrancos, tropeçando,  
De subito deparo frente a frente,  
— Não de susto fallece comovido,  
Com feyo, desgrenhado e sujo Bronte !

Era hirsuta a melena, esfiapada,  
Que nos hombros vergados se esparzia ;  
A boca retorcida, os dentes verdes,  
Rotunda era a cabeça, mas vazia.

Trajava uma casaca que invejára  
 Um *judas*, ou magriço Gafanhòto,  
 Presente que lhe dera, em despedida,  
 O seu velho patrão, que era piloto.

Com denodo, montava, um gran tonel,  
 Tinha frente, de parras, enfeitada;  
 Empunhando na dextra uma seringa,  
 E na sextra uma vinha, já curada.

Diante do heroe vinham, saltando,  
 Uma chusma de Bacchos, de cornetas;  
 Tambem vinha Priapo, enfurecido,  
 Entre velhas zanagas, e cambètas !

D'espanto dominado, lhe pergunto :  
 Quem és tu, ó mortal, que assim caminhas?  
 Responde-me o colosso, insano e forte :  
 « O grande curador do mal das vinhas!! »

E soprando-me a testa, d'improviso,  
 Por pouco me não deixa sem juizo !  
 Aos ares se elevou, empavesado,  
 As abas da casaca abrindo ouzado ;



E, logo que da terra se apartou,  
 Sobre as nossas cabeças espalhou :  
 Um chuveiro de annuncios, em gazettas,  
 Retumbantes artigos, grossas petas ;  
 A capa-rosa, a galha, a t'rebentina,  
 Essencia de tabaco, e de quinina ;  
 Pontinhas de charutos, já fumados,  
 Ratos mortos, em vinho conservados ;  
 Pomposos elogios, em jornaes,  
 Sementes p'ra o fabrico de animaes :  
 Um tractado das cousas reunidas,  
 E mais outras cousitas esquecidas !  
 Nem Cesar, Bonaparte, nem Mavorte,  
*E outros em quem poder não teve a morte,*  
 Egualam, no saber, o pregoeiro,  
 Que das vinhas se acclama—curandeiro.  
*Por elle se esqueçam os humanos*  
*De Assyrios, Persas, Gregos e Romanos*  
 — Que nas grimpas da gloria repimpado  
 Um abraço vai dar no sol dourado.



## PACOTILHA.

Não ralhem, não façam bulha,  
Que eu não sei se isto é pulha.

(POLKA)

Se vive á janella  
Moçoila gorducha;  
Qual freira capucha,  
Mirando o janota;  
Fazendo tregeitos,  
De lenço abanando,  
O olho piscando—  
E' tóla, idiota.

Se meiga donzella,  
D'amor delirante,  
Em labias de amante  
Segura se faz ;  
Poem fé no magano,  
Lá cede um beijinho,  
Mais outro abracinho—  
Está no carcaz....

Se velha caduca,  
De face rugosa,  
Pretende anciosa  
Gentil namorado ;  
Com feyas caretas  
O dente arreganha,  
Suspira, por manha—  
E' triste peccado.

E tendo na boca  
*Postiço teclado,*  
Com cera pegado,  
Que joga e chocalha,

Das moças crítica,  
Com sanha de furia,  
Banindo a luxuria—  
Não passa de gralha.

Se lolo basbaque,  
Em prosa maçante  
Julgando-se um Dante,  
Se torna *poeta* ;  
Sem estro e sem tino,  
De amor em furores,  
Só falla das flores—  
Precisa dieta.

E tendo na cara  
Trombudo focinho,  
Qual porco de espinho,  
Se faz namorado ;  
Mettido em funduras  
Lá geme, e suspira,  
Qual fero Tymbira—  
E' asno chapado.

Se guapo marido,  
Rapaz de bom gosto,  
Vai pelo sol posto  
Jogar seu pacáo ;  
Deixando a *metade*,  
Contente, alegrinho,  
Não vê que o visinho....  
Coitado, é *patáo* !

Mas sendo avesado  
A' tal brincadeira,  
Quindim, frioleira,  
Lhe chama—brejeiro—  
Na phrase do mundo  
Não passa por tólo ;  
Tem frente, e miólo  
De manso Cordeiro.

Se tropego velho,  
De queixo cahido,  
Dengoso e rendido,  
Com moça se liga :

Lá quando mal cuida  
Na frente lhe saltam,  
Relevos que esmaltam,  
Em fôrma de espiga.

Se *rapa* o que póde  
Finorio empregado,  
Campano de honrado,  
Cuidando que brilha;  
Em dia aziago  
Tropeça, baqueia,  
E vai, na cadeia,  
Juntar-se á quadrilha.

Se impinge nobreza  
Brutal vendilhão,  
Que sendo *Barão*  
Já pensa que é gente ;  
Aquelles que o viram  
Cebolas vendendo,  
Vão sempre dizendo—  
Que o lorpa é demente,

Se em peitos que fervem  
Infamias tremendas,  
Avultam commendas  
E premios de honor ;  
E' que, com dinheiro,  
Os rudes cambêtas  
Se levam das tretas  
E mudam de *côr*.

Se fino larapio  
De vicios coberto,  
Com fóros d'esperto,  
De honrado se acclama ;  
E' que a ladroeira,  
Banindo o criterio,  
Firmou seu imperio  
C'o gente de fama.

Se audaz rapinanto,  
*Fidalgo ou Barão*,  
Por ser figurão,  
Triumphá da Lei ;

E' que ha Magistrados  
Que empolgam presentes,  
Fazendo innocentes  
*Os manos da grey.*

Mulato *esfolado*,  
Que diz-se fidalgo,  
Porque tem de galgo  
O longo focinho ;  
Não perde a *catanga*,  
De cheiro fallece,  
Ainda que passe  
Por brazeo cadinho.

E se eu que *pretocio*,  
D'Angola oriundo,  
Alegre, jucundo,  
Nos meus vou cortando ;  
E' que não tolero  
Falsarios parentes,  
Ferrarem-me os dentes,  
Por brancos passando.





## COLLEIRINHO.

*Assim o escravo agrilhado canta.*

TIBULO.

Canta, canta Colleirinho,  
Canta, canta, o mal quebranta ;  
Canta, afoga magoa tanta  
N'essa voz de dôr partida ;  
Chora, escravo, na gayola  
Terna esposa, o teu filhinho,  
Que, sem pae, no agreste ninho,  
Lá ficou sem ti, sem vida.

Quando a roixa aurora vinha  
Manso e manso, além dos montes,  
De oiro orlando os horisontes,  
Matisando as crespas vagas,  
— Junto ao filho, á meiga esposa  
Docemente descantavas,  
E na luz do sol banhavas  
Finas penas—n'outras plagas.

Hoje triste já não trinas,  
Como outr'ora nos palmares ;  
Hoje, escravo, nos solares  
Não te-embala a dulia brisa ;  
Nem se-casa aos teus gorgeyos  
O gemer das gotas alvas  
— Pelas negras rochas calvas—  
Da cascata que deslisa.

Não te-beija o filho tenro,  
Não te-inspira a fonte amena,  
Nem da lua a luz serena  
Vem teus ferros pratear.

Só de sombras carregado,  
Da gayola no poleiro  
Vem o tredo captivo,  
Magoa e prantos acordar.

Canta, canta Colleirinho,  
Canta, canta, o mal quebranta;  
Canta, afoga magoa tanta  
N'essa voz de dor partida ;  
Chora, escravo, na gayola  
Terna esposa, o teu filhinho,  
Que sem pae, no agreste ninho,  
Lá ficou sem ti, sem vida.



## SONETO.

### RETRATO.

E' renga, *magricela* e presumida,  
Com pelle de muxiba engrovinhada ;  
O corpo de sumaca desarmada,  
A cara de *muafa* mal cosida ;

A perna de forquilha retorcida,  
Os hombros de cangalha um tanto usada ;  
A bocca, de ratoens grata morada,  
Maçante na conversa e mal soffrida;

Senhora de um leproso cão rafeiro,  
Que, querendo passar por mocetona,  
Se-bezunta com sêbo de carneiro ;

Vestida é saracúra de japona,  
De feya catadura, e de máo cheiro,  
Eis a chóca perúa da Amasona.

## A' UM VATE ENCYCLOPEDICO.

Quiz um joven marchar, só por mania,  
Das letras pela senda trabalhosa;  
Diz-se—Vate, mas prenda tam famosa  
Ninguem nos versos seus a descobria.

Começa a dar patada, e tam bravía,  
Que logo (alçando a voz imperiosa)  
Lhe brada a Natureza : *Chega á prosa!*  
E o maldito a encostar-se á poesia !

(F. X. DE NOVAES.—*Sonet.*)

Qual cratera lançando lava ardente,  
De Pompeia tragando a pobre gente,  
Novo Anibal os mares agitanto,  
Arbustos e penedos derrubando,

Argentino Quixote se apresenta  
Com bulha que as cabeças atormenta !  
E' Doctor em sciencias sociaes,  
Conhece toda casta de animaes;  
Em direito, supplanta o *Savigny*,  
Mórmente quando toma a—*Paraty* ;  
E nos fastos da gran philosophia  
Diz taes cousas que as carnes arripia !

Da Medicina o novo *Chernoviz*,  
Faz charopes, do ferro tira o giz !  
E, invadindo as *bayas* do Parnaso  
O lugar conquistou do tal Pegaso !  
A sabença nos *cascos* se lhe-aninha,  
E' por todos chamado o—Dom Fuinha ;  
E da torva montanha da cachóla,  
Pende a velha e sedição c'raminhóla !

Um tafal que encarou o tal portento  
Affirma que o coitado era jumento;  
E querendo provar o que dizia,  
Mostrava uma castrada poesia :  
D'asneiras enchurrada furibunda,  
Onde o erro fallaz superabunda :

Era prosa sediça, mui safada,  
Asneira sobre asneira amontoada !  
E no fim da maçante frioleira  
A firma do gran vate—babuzeira.

Correu, em peso, a sabia Academia,  
Para ver o planeta que luzia ;  
Tambem veyo a Policia, a Medicina,  
Discutir tanta asneira em sabbatina !  
Miraram de alto a baixo o *sacripante*  
E vendo que o maroto era pedante,  
Na barca de Caronte o encaixaram,  
P'ra casa dos orates o mandaram.

Lá se foi o talento desmedido,  
Todo o povø deixando espavorido,  
Habitar os saloens d'um hospital  
Onde cura terá para o seu mal.

*elle*

## NO ALBUM

**DO SNR. CAPITÃO JOÃO SOARES.**

Escrever n'um Album!... Credo !  
Expor-me á critica austera !  
E se um douto me impozera  
Pena de longo degredo !  
Nada... nada, tenho medo  
De ir a alguém desagradar ;  
Não ponha o meu nome a par  
Dos que tem estro e sciencia ;  
Amigo, tem paciencia :  
*Quem não tem não póde dar.*

(F. X. DE NOVAES.)

Manda Vossa Senhoria,  
Que o seu pobre servidor,  
Empunhando leve pluma,  
Seja feito um escriptor !



E, qual Nume antipotente  
Que domina os elementos,  
Mostre, aqui, do encanto a força  
Exhibindo altos talentos !

Nas trevas lutando,  
Sem estro, sem guia,  
Guindado na prosa,  
Sem ter poesia ;

Não sei como possa  
Tal mando cumprir,  
E da brincadeira,  
Já quero me rir.

No Album do Vate  
Bem quero escrever ;  
Mas como fazel-o  
Sem nada saber ?

Metter-m' a abelhudo  
Em cousas d'alcance,  
Fazer traquinadas,  
Soffrer algum trance ?

Dizer asneirólas,  
Sediças maçadas;  
Borrando o papel  
Com phrases safadas ?

Curvar-me ás dentadas  
De certos pedantes,  
Qu'em versos e rithmas  
Sam mesmo uns Atlantes ? !

Nada, nada, meu Senhor,  
Não cahio n'essa esparrella;  
Não quero que o mundo diga —  
Que o Luiz é tagarella.

Não tenho sabença,  
Não campo de autor;  
Apenas me conto  
Por um fallador.

Das linguas extranhas  
Nem-uma aprendi,  
Em nosso idioma  
Sou—*Kikiriki*.

De Euclides—os riscos,  
De Schiller—a historia,  
Se os li foi por brinco,  
Não tenho em memoria.

E, demais, além de tudo,  
Da escola sahi mui rudo.

Se, por desenfado,  
No meu triste lar,  
Com pennas e tinta  
Me ponho a brincar ;

Se acaso uma ideia,  
Que vaga perdida,  
Da minha cachóla  
Faz sua guarida ;

Se astuto demonio,  
Finorio birbante,  
Soprando na testa,  
Me-faz delirante ;

E si dominado  
Por esse rabbino,  
Algumas sandices  
Escrevo, sem tino,

Depois reflectindo  
No fôfo aranzel,  
Em mil pedacinhos  
Eu faço o papel.

Por mais que forceje  
Não posso escrever ;  
Quem vir este livro  
O que ha de dizer ?

Chamar-me pateta,  
Por grande favor ;  
E dar-me patente  
— De máo palrador.

Se for *litterato*  
Farçola, brejeiro,  
Himpando dirá :  
*Sempre é sapateiro.*

Mas eu que conheço  
Mesquinho que sou,  
Da minha *fachada*  
Desfructes não dou.

Supplico de vós,  
Meu charo Senhor,  
Não queiraes o mal  
Do triste cantor.

— No Album do Vate  
De grande saber,  
Um pobre tarello  
Não póde escrever.

Janeiro—1859.



## A UNS COLLARINHOS.

Era na estação calmosa,  
De novembro o mez corria,  
E da tarde as horas sette  
Da Sé no bronze batia.

Já do sol o clarão frouxo  
Desmaiava no horizonte,  
E penumbro se-esparzia  
Pelas simeiras do monte.

Das trevas a soberana  
 Desdobrava o palio escuro,  
 E a dourada luz diurna  
 Nos alpes pairava a duro :

Quando á nós se-dirigiram  
 Trez mancebos mui galantes,  
 Bellos, dengues, adamados,  
 Ricos, nobres e chibantes.

De entre os trez um, que gamonho  
 Se-amostrava com vigor,  
 Era um lindo figurino,  
 Com luxo, garbo e primor.

Oh! que par de collarinhos!  
 Grita, ao vel-o, um capadocio,  
 Vem pendentos do caehaço  
 D'aquelle pobre beocio!

Cala a bocca, tagarella,  
 Exclamou mais um terceiro,  
 — Aquillo que vez é fronha,  
 Vestida n'um travesseiro!

Alto lá ! bradei altivo,  
Fóra, a bulha, isto é sophisma;  
Nam é fronha, sam manipulas  
Que o prelado usa no chrisma.

Ou segundo o Cobarrubias,  
Que é jurista de quilate,  
Sam as pernas das ceroulas,  
Do gorducho do *Mirati*.

E si turraram na disputa,  
Semelhante ao grande Evandro,  
Provarei que sam as folhas  
Do projecto do Timandro.

Ou conforme outros autores,  
Que nos vem de barra-fóra,  
Fraldas sam de ampla camisa,  
Ou anagoas de Senhora.





## SEREI CONDE, MARQUEZ E DEPUTADO !

Pelas ruas vagava, em desatino,  
Em busca do seu asno que fugira,  
Um pobre paspalhão apatetado,  
Que dizia chamar-se—*Macambira*.

A todos perguntava senão viram  
O bruto que era seu, e *desertára*;  
Elle é sério (dizia), está ferrado,  
E tem branco o focinho, é *malacára*.

Eis que encontra postado n'uma esquina.  
Um esperto, ardiloso capadocio,  
Dos que mofam da pobre humanidade,  
Vivendo, por milagre, em santo ocio.

O lá, senhor meu amo, lhe pergunta  
O pobre do matuto, agoniado :  
« Por aqui não passou o meu burrego,  
« Que tem russo o focinho, o pé calçado ? »

Responde-lhe o tratante, em tom de mofa  
« O seu burro, Senhor, aqui passou,  
« Mas um guapo Ministro fel-o presa,  
« E n'um parvo *Barão* o transformou ! »

Oh Virgem Santa ! (exclama o tabaréu,  
Da cabeça tirando o seu chapéo)  
Se me pilha o Ministro, n'este estado,  
Serei Conde, Marquez e Deputado !...



## OS GLOTOENS.

• • • • •      • • • • •      •  
Que os gazeos olhos pela mesa espalha  
Por ver se ha mais comer que tire ou peça,  
Entrando n'elle com tal fome, e pressa  
Qual faminto frizão em branda palha;

(N. TOLENTINO.—*Soneto.*)

Oh tu quadrada Musa impavesada,  
Soberana rainha da papança,  
Borrachuda matrona insaciavel  
Que tens o corpo pingue, e larga pança;

Oh tu arca bojuda que resguardas  
O profuso fardel das comidelas;  
Amasona terrível, devorante  
Té capaz de engolir mil caravelas :

Esganiça o pescoço longo-estreito,  
Em linha poem os teus animalejos,  
Os horridos abutres, feyos lobos,  
Porcos, gallinhas, gatos, percevejos.

Vem á triste morada do trovista  
Um canto lhe inspirar que cheire a bife,  
Para a fama elevar dos lambareiros  
Sobre as grimpas do monte Tenerife.

Vem filha do pincel do grande Alciato  
Dourar os versos meus que, descorados,  
Não podem atrahir Leitores sabios,  
Amantes da lambança e bons guizados.

Derrama n'estas linhas desbotadas  
O perfume odorante da linguiça,  
Do payo portuguez, do bom salame,  
Que a fome desafia, e nos atiça.

Transmuda o negro véo da escuridão,  
Que a vista me detem, cerrando os olhos;  
Um quadro me appresenta em que divise  
Saboroso pastel com seus refolhos.

Presuntos de Lamego, perús eheios,  
*Roastebiffs*, e leitoens, tenras perdizes,  
Tostado arroz de forno, nabos quentes,  
Ganços, marrecas, patos, codornizes.

Fervendo, em niveas taças crystallinas,  
Espumante *Champagne*, geropiga,  
O bastardo, o madeira, o porto velho—  
Que tem a via lactea na barriga.

Cerveja da *godemia*, maraschino,  
O *licor de Campinas*, decantado,  
Que faz sua visita, pelas *onze*,  
A' gente de focinho alcantilado.

Bojudos garrafoens, quartólas cheias,  
Em linha de batalha, á romper fogo,  
A' sucia comilona provocando  
A gula saciar, por desafogo.

O còro das bacchantes estrondosas  
 Em dilirio bradando o—*evohé*;  
 N'um canto a negra morte *esborneada*,  
 Tomando uma pitada de rapé.

Fortalece meu estro, oh grande Musa,  
 Estende os cantos meus pelo Universo,  
 Que um hymno á teus alumnos se consagra  
*Se tam sublime preço cabe em verso !*

Dos glotoens já cadentes leyo a fama  
 Nas paginas de um livro *quinhentista*;  
 Vejo a gula amolando as ferreas garràs,  
 Para em guérra tenaz fazer conquista.

E's tu valente Clodio—o fero Anibal,  
 Que rompendo na frente dos papoens,  
 Vais mostrar a potencia gargantona  
 Dos xeques da *bebança*, e comiløens.

Refere o grão Macedo, outor de nota,  
 Que só tu n'uma ceya chupitaste  
 De saborosos figos uns quinhentos  
 Além de dez meloens que inda mamaste.

E, para terminar o tal repasto,  
De tordos seis dezenas consumiste,  
Do fructo da videira vinte arrateis,  
Com mais ostras quarenta que engoliste.

Melon Crótoniense, por basofia,  
Um touro devorou, de quatro annos;  
Theogenes tambem, famoso atleta,  
Por aposta comeu tres bois cabanos.

E Phago, em lauta mesa—á custa alheia,  
Transportou para a pança tres leitoens,  
Dous carneiros, um ganço, um javalí,  
De senteio cem paens, quatro meloens.

Mithridates honrou com pompa e cultos  
Os vivos sorvedouros ambulantes,  
Com premios distinguiu tanina fome,  
Dos avidos abutres devorantes.

Cambyses rei da Lydia, em certa noute,  
Atracou-se á consorte com tal gana,  
Que a metteu inteirinha no bandulho,  
Como quem imbutia uma banana !

O ebrio Philoxeneo lamentava  
 Um pescoço não ter de braças mil,  
 Onde o vinho corresse a pouco e pouco,  
 Como corre das pipas n'um funil.

A fecunda Bretanha viu, com pasmo,  
 Um filho d'essa Roma armipotente,  
 Que de seixos comia cinco arrateis,  
 Um bóde semi-morto, e meyo quente.

E tam feya a garganta se a mostrava,  
 Que em horror excedia uma cratera;  
 E tam forte o appetite que nutria,  
*Que a si proprio comera, si podera!*

Outros muitos heroes refere a historia,  
 Que deixo de narrar, por carunchosos,  
 De feitos singulares, tam tremendos,  
 Que os guerreiros deslustram mais famosos.

Desdobre-se a cortina bolorenta  
 Sobre os nomes dos filhos lá da *extranja*;  
 Repimpem-se no templo da victoria  
 Os brasileiros heroes que comem *canja*.



Vinde oh Nymphas cheirosas dos outeiros  
De nocturnas essencias perfumadas  
Mimosas cavalgando urbanos *tygres*,  
Os nomes burrificar-lhes; vinde oh Fadas !

No vasto pantheon quero que brilhem  
Os lucidos *vorogens* do meu paiz ;  
Em tela de algodão pintados sejam,  
Com bôrra de café, agua de giz.

Ethereo Caravagio trace as linhas  
Dos comiloens de rubidos toutiços,  
Que o tonel das Danaides tem por pança  
Onde cabem, sem custo, mil chouriços.

Callem-se os Celtas, Gregos e Romanos ;  
Silencio ! oh tuba Aonia e Lusitana !  
Erguei-vos, oh glotoens da minha patria,  
Temos côco, cajú, temos banana !

E tú, audaz Macedo, registrante,  
De ronceiras façanhas já caducas,  
Vè quebrarem-se as guelas portentosas  
Quacs se quebram no chão frageis *cumbucas*.

Dos Clodios e Miloens prodigios altos,  
Do ebrio Philoxeneo heroicos feitos,  
Sem viço, desbotados—já sem côres,  
Por terra vam cahindo, em pó desfeitos.

Juncto d'elles assoma ousado e forte,  
O dente arreganhando, um deputado,  
Que com quatro *apoiados* retumbantes  
Nos cofres da Nação tem *manducado*.

Um longo diplomata aparvalhado,  
Com pernas d'aranhiço, extenso pé,  
Que na Europa se fez profundo e sabio,  
No trafico do fumo, e do café.

Retumbante engenheiro de compasso,  
O lume encaixotando nos planetas.  
Mettendo em *Capricornio Libra e Venus*—  
O sonante metal chucha com tretas.

Centenas de empregados—*gente limpa*,  
Que os penedos não roe, por não ter dentes,  
Encaixando no fradel das comidelas  
A patria reduzida a dobroens quentes.

Famintos tubaroens, sedentos monstros—  
Immortaes thesourciros d'obras pias,  
Que engolem pedras, o metal devoram—  
Sem que ronque a barriga em taes folias.

Os sagazes carólas d'ordens sacras,  
Vigarios, andadores, sachristaens,  
Que tragam n'um momento, Igreja e Santos  
Sem metter na contenda os capellaens.

Oh, si Deus sobre a terra derramasse  
Moedas de *quintal*, causando horror,  
Inda assim saciar não poderia  
A fome d'um voraz procurador !

Prestante pae da patria—*homem de peso* !  
Entre rato e balea—acachapado—  
Morde aqui, roe alli, *lambe* acolá—  
Mette dentro do bucho o *Corcovado*.

Se quereis, ó Leitor, ver já por terra  
Cambyses, que engoliu sua consorte,  
Sim, prodigio maior vos appresento—  
Um Ministro vos dou—*papal Mavorte*.

Que abusando das leis da natureza,  
A' mãe patria se agarra, como louco;  
Chupita a pobre velha, e logo brada,  
(Batendo no bandulho)—inda foi pouco !...

Deixemos pois atraz a gloria antiga,  
Das potentes gargantas esfaimadas;  
Hosannas entoemos furibundas  
A's modernas barrigas sublimadas.

Que feitos gloriosos, d'esta laia  
Gravados viverão na lauta historia,  
No perfume do vinho, e dos guizados  
Voarão sobre as azas da memoria,



## PHARMACOPEA.

Temos pimenta,  
Grato elixir,  
Que os vicios cura  
Sem affligir;  
~~Tambem sementes~~  
De dormideiras  
Que impafias cura,  
E trioleiras.

★ ★

Trimores d'além sec'lo, já caducos,  
ocinhudas rapozas estufadas,  
Inde ao vasto armazem de Citherea,  
Reformar as caraças desbotadas.

Temos carmin  
Que a face enrubra,  
Sem que a velhice  
Fatal descubra,  
Bellos chinós—  
Para as *papalvas*—  
Que encobre a *cuiá*,  
Das que sam calvas

Para o velho que soffre d'enchaquecas—  
Trovoens e pataratas de barriga,  
Em secco fuzilando, sem proveito,  
Para o fero Esculapio que o fustiga—

Temos seringas,  
Lá do Pará,  
Agua de Celtz,  
Mas feita cá ;  
Raiz saudavel  
Do almeirão,  
Que cura tosse  
E catarrão.

Estulta rapariga, apavonada,  
Que campa de Doctora, e sabichona,  
Cuidando, por saber *Paulo de Kock*,  
Que os fóros já não tem de toleirona—

Venha que temos,  
Para lhe dar,  
Rotos calçoens  
P'ra concertar;  
Velhas ceroulas,  
Uma vassoura,  
Que a fama elevem  
Da tal Doctora.

Matuto què se mette a saberete,  
Esquecido do milho e das abob'ras,  
Não sabendo escrever seu proprio nome,  
Arrota que tem lido grandes obras—

Oh ! para este  
Temos arreio,  
Albarda, esporas,  
Cabresto e freio ;

E si contente  
Senão mostrar,  
*Rebenque* n'elle,  
Toca a marchar.

Marido que a consorte não recata,  
Entregue ao desvario, ao desatino ;  
Que na pandega alegre não repara,  
A figura que faz de—*Constantino*—

Tem sortimento,  
Já reservado,  
Grinalda e gorra,  
*Chapéu-armado* ;  
Barrete, á moda,  
Com dous raminhos,  
Para descanso  
Dos passarinhos.

Para as damas perluxas d'alto bordo,  
Que servem, nos saloens, de figurinos,  
Enfeitadas bonecas de vidraça  
Que alucinam os *Vates colibrinos*—



Lindos toucados,  
De seda fina,  
Tendo na frente  
Alva cortina ;  
E outros muitos  
Com reposteiros,  
Que tambem servem  
De mosquiteiros.

Para as *bellas* amantes do *postiço*,  
Que mettem barbatanas pela saia,  
Onde o vento bregeiro, remexendo,  
Deixa ver as perninhas de lacraia—

Temos *baloens*,  
Torcida e gaz—  
Estopa grossa  
Com agua-raz ;  
E de farélos  
Um travesseiro,  
Para enfunar  
O alcatreiro.

Para o tolo mancebo desfrutavel,  
Que cem moças namora de pancada;  
E julgando-se Adonis—na belleza,  
De perfumes se *borra*, e de pomada—

Casa de orates,  
Dieta e bichas,  
Craneo rapado,  
Lambadas fixas ;  
Camisa longa,  
Purga de sal;  
Que a bóla afresca,  
E cura o mal.

P'ra o torpe jornalista que não sente,  
A penna mergulhada na deshonra ;  
E de vicios coberto, o saltimbanco,  
Só tracta de cuspir na alheia honra—

Prudencia e tino,  
Criterio e sizo ;  
Tambem vergonha,  
Si for preciso :

E se esta dóze  
Lhe não bastar  
Um bom cacete  
Para o coçar.

Para os finos garotos, e filantes  
De cigarros de palha, ou de charutos,  
Que levam noute e dia a pedinchar,  
De carinha lavada, e muito enchutos—

Um—já não tenho—  
Aos taes *flauderios*,  
Que o mais é bucha—  
Fóra gauderios !—  
E si teimarem  
Com tal chincar,  
Um *quebra-queixos*,  
P'ra os desmamar.

Para os velhos carólas, marralheiros,  
Que affectam de santinhos—só de dia ;  
E sendo noute velha—encapotados,  
Não resistem de amor á fanfurrria—

*Cheiroso* banho,  
D'alta janella,  
Que os ponha a trote,  
Fugindo d'*Ella* ;  
Topada e queda,  
Nariz quebrado,  
Um bom vergalho,  
Mas bem puchado.

Para o filho de pac *agonçalado*,  
*Sem brio, sem saber, sem criação* ;  
Que os velhos venerandos não respeita,  
Entre ovelhas mostrando-se leão—

Quartel, chibata,  
Marinha ou praça,  
Que um cordeirinho  
O lobo faça ;  
E si o tratante  
*Não for barão*,  
Morada gratis  
Na Correccão,

P'ra o ancho protector das lettras patrias,  
Mais cacório que o chisme—no *fantar* ;  
E que cheio *d'oral* filantropia,  
Os impressos chupita, sem pagar—

Um sancto breve,  
Uma defeza ;  
Um *patuá*  
Contra a esperteza ;  
E si o maçante  
Inda insistir,  
Sebo nas pernas —  
Toca a fugir.

Para o genio sagaz de um *pae da patria*,  
*Amante* da pobreza desvalida,  
Que *lambisca* aos patetas o que póde,  
E lá mette n'aljaba fementida—

Uma denuncia,  
Com documentos,  
Onde as *ratadas*  
Pulem aos centos.

Depois cadeia,  
Calceta ao pé;  
Que é cousa sancta  
Contra o *filé*.

Mas basta ; oh Musa minha, não prosigas.  
D'algum desagradar já me arreceo ;  
Termina, mas fallando dos trovistas,  
Que malham com furor no vicio feio.

« Bebem do roixo,  
« Tomam café,  
« Pitam charuto,  
« Cheiram rapé.  
« Jogam pacáo,  
« Truque, manilha ;  
« Quando Deus quer,  
« Tambem o *pilha*. »



## A BORBOLETA.

Sobre a açucena,  
Que no horto alveja,  
A borboleta  
Mansinha adeja ;

Libando os pingos  
De orvalho brando,  
Que a nuvem loura  
Vem salpicando.

Meneia os leques  
Por entre as flores,  
Que o ar perfumam  
Com seus olores.

Mimosos leques  
De cores finas,  
— Tela formosa  
Das mãos divinas.

Ora serena,  
Pairando a flux,  
Esmaltes mostra  
Do brilho á luz.

Ora nas aguas  
Boiando vae,  
Qual folha secca  
Que ao vento cahe.

Ao vir da aurora  
Vai do jasmim  
Beijar a cutis  
D'alvo setim.



Ao cravo, á rosa  
Afagos presta,  
— Que a aragem sopra,  
E o sol recresta.

Ao pôr da tarde  
Pousa em delirio  
Nas tenras folhas  
Do roixo lyrio.

E o fragil corpo  
Em somno fbrando,  
Que embala a brisa,  
Que vem soprando,

Alivio encontra  
Na solidão  
Até que d'alva  
Rompa o clarão.



## QUEM SOU EU ?

Quem sou eu ? que importa quem ?  
Sou um trovador proscripto,  
Que trago na fronte escripto  
Esta palavra—Ninguem !—

A. E. ZALUAR.—*Dóres e Flores.*

Amo o pobre, deixo o rico,  
Vivo como o Tico-tico ;  
Não me-envolvo em torvelinho,  
Vivo só no meu cantinho :  
Da grandesa sempre longe  
Como vive o pobre monge.  
Tenho mui poucos amigos,  
Porém bons, que sam antigos,  
Fujo sempre á hypocrisia,  
A' sandice, a fidalguia ;

Das manadas de Baroens ?  
 Anjo Bento, antes trovoens.  
 Faço versos, não sou vate,  
 Digo muito disparate,  
 Mas só rendo obediencia  
 A' virtude, á intelligencia :  
 Eis aqui o *Getulino*  
 Que no plectro anda mofino.  
 Sei que é louco e que é pateta  
 Quem se-mete a ser poeta ;  
 Que no seculo das luzes,  
 Os birbantes mais lapuzes,  
 Compram negros e commendas,  
 Teem brasoens, não—das Kalendas,  
 E, com tretas e com furtos  
 Vam subindo a passos curtos ;  
 Fazem grossa pepineira,  
 Só pela *arte do Vieira*,  
 E com geito e protecçoens,  
 Galgam altas posiçoens !  
 Mas eu sempre vigiando  
 N'essa sucia vou malhando  
 De tratantes, bem ou mal,  
 Com semblante festival.  
 Dou de rijo no pedante  
 De pilulas fabricante,

Que blasona arte divina,  
 Com sulphatos de quinina,  
 Trabusanas, charopadas,  
 E mil outras patacoadas,  
 Que, sem pingo de rubor,  
 Diz a todos, que é DOCTOR !  
 Não tolero o magistrado,  
 Que do brio descuidado,  
 Vende a lei, trahe a justiça,  
 — Faz a todos injustiça—  
 Com rigor deprime o pobre  
 Presta abrigo ao rico, ao nobre,  
 E só acha horrendo crime  
 No mendigo, que deprime.  
 — N'este dou com dupla força,  
 Té que a manha perca ou torça.  
 Fujo ás leguas do logista,  
 Do beato e do *sachrista*—  
 Crocodilos disfarçados,  
 Que se-fazem muito honrados,  
 Mas que, tendo occasião,  
 Sam mais feros que o Leão.  
 Fujo ao cego lisongeiro,  
 Que, qual ramo de salgueiro,  
 Maleavel, sem firmeza,  
 Vive á lei da natureza ;

Que, conforme sopra o vento,  
 Dá mil voltas n'um momento.  
 O que sou, e como penso,  
 Aqui vai com todo o senso,  
 Postoque já veja irados  
 Muitos lorpas enfunados,  
 Vomitando maldiçoens,  
 Contra ás minhas reflexoens.  
 Eu bem sei que sou qual Gryllo,  
 De maçante e mão estylo;  
 E que os homens poderosos  
 D'esta arenga receiosos  
 Ham de chamar-me—tarello,  
 Bóde, negro, Mongibello;  
 Porém eu que não me-abalo,  
 Vou tangendo o meu badalo  
 Com repique impertinente,  
 Pondo a trote muita gente.  
 Se negro sou, ou sou bøde  
 Pouco importa. O que isto póde?  
 Bódes ha de toda a casta,  
 Pois que a especie é muito vasta...  
 Ha cinzentos, ha rajados,  
 Bayos, pampas e malhados,  
 Bódes negros, *bódes brancos*,  
 E, sejamos todos francos,

Uns plebeus, e outros nobres,  
 Bódes ricos, bódes pobres,  
 Bódes sábios, importantes,  
 E tambem alguns tratantes...  
 Aqui, n'esta boa terra,  
 Marram todos, tudo berra ;  
 Nobres Condes e Duquezas,  
 Ricas Damas e Marquezas  
 Deputados, senadores,  
 Gentis-homens, veadores ;  
 Bellas Damas emproadas,  
 De nobresa empantufadas ;  
 Repimpados principotes,  
 Orgulhosos fidalgotes,  
 Frades, Bispos, Cardeaes,  
 Fanfarroens imperiaes,  
 Gentes pobres, nobres gentes  
 Em todos ha *meus parentes*.  
 Entre a brava *militança*  
 Fulge e brilha alta *bodança* ;  
 Guardas, Cabos, Furrieis,  
 Brigadeiros, Coroneis,  
 Destemidos Marechaes,  
 Rutilantes Generaes,  
 Capitaens de mar e guerra,  
 — Tudo marra, tudo berra— .

Na suprema eternidade,  
 Onde habita a Divindade,  
 Bódes ha sanctificados,  
 Que por nós sam adorados.  
 Entre o côro dos Anginhos  
 Tambem ha muitos bodinhos. —  
 O amante de Syringa  
 Tinha pello e má catinga ;  
 O deus Mendes, pelas contas,  
 Na cabeça tinha pontas ;  
 Jove quando foi menino,  
 Chupitou leite caprino ;  
 E, segundo o antigo mytho,  
 Tambem Fauno foi cabrito.  
 Nos dominios de Plutão,  
 Guarda um bóde o Alcorão ;  
 Nos lundús e nas modinhas  
 Sam cantadas as bodinhas :  
 Pois si todos teem *rabicho*,  
 Para que tanto capricho ?  
 Haja paz, haja alegria,  
 Folgue e brinque a bodaria ;  
 Cesse pois a matinada,  
 Porque tudo é *bodarrada* !—



## O JANOTA.

Sou bonito, sou da moda,  
Chibantão de bello gosto ;  
Sou gamenho, tenho garbo,  
Porte airoso e bem composto.

Vivo alegre, passo á larga,  
Tenho trinta namoradas,  
— Dez viuvas, seis donzellas,  
Sette velhas, não casadas.



Quatro negras, cinco cabras,  
Sem contar certa mulata  
E a vizinha, que é zanaga,  
Com seu *beque* de fragata.

Ayas, amas e criadas,  
Das matronas que aponteï,  
Baronezas e Condessas,  
E mais outras, que eu só sei.

Dos janotas sou modello,  
Figurino abaloado,  
Calça larga, mangas fôfas,  
Cabellino bem frisado.

A luneta ao olho presa,  
Sapatinho envernizado,  
Casaquim a Dom Murzelo  
E o *casquete* afunilado.

Faço andar em roda viva,  
Mil cabeças d'alto bordo ;  
Mas se um vil credor esbarro,  
Foge o sonho, então acórdo !

E de Rhodes qual colosso,  
Fico mudo, altivo e quedo;  
Ouço a lenda impertinente,  
Sem tugar—como um penedo.

Após um vem grosso bando,  
Este grasna, aquelle ruge,  
Rosna o lorpa taberneiro,  
Todo o resto orneja e muge.

Perfilando o collarinho,  
Que da orelha passa além,  
Corro a mão nas algibeiras,  
Mas não pucho nem vintem !

Berra o criado,  
Grita o barbeiro;  
— Quero dinheiro !  
Que frioleira !  
Eu que, sem *gimbo*.  
Ando pulando,  
Vou me safando—  
Que pagodeira !

Eis que de um canto  
Salta, raivosa,  
A gordurosa,  
Da cosinheira ;  
Pede os salarios,  
Falla em tomate,  
— Eu, em remate,  
Dou-lhe a trazeira !

Chora de raiva,  
— Pobre coitada ;  
Fica zangada,  
Que *vinagreira* !  
Eu sou da moda,  
Chupo o meu trago,  
Como e não—pago,  
— Por brincadeira.

E si ha quem diga,  
Que sou tratante,  
Sagaz birbante,  
E' maroteira ;

Porque só finto  
Parvos mascates,  
Mãos alfaiates,  
— Por bandalheira.

Tambem, por mofa,  
Logro os logistas,  
Foros cambistas,  
De mão ligeira ;  
Abelhas mestras,  
Ratoens livreiros,  
Os sapateiros,  
E a engommadeira.

Que santa vida,  
Meu anjo Bento,  
Oh que portento,  
Que pepineira !  
Sempre folgando,  
Sem ter cuidado,  
Ser namorado,  
— Que pagodeira !

Quem deve e paga  
Não tem miolo,  
E' parvo, é tolo,  
Não tem bom tino.  
Viva a chibança,  
Va de tristeza,  
Morra a pobreza,  
Que isto é divino!



## LAURA.

Aqui, ó Laura,  
No teu jardim,  
Petalas cõlho  
D'alvo jasmim.

D'ellas recende  
Doce fragancia,  
Quaes meigos sonhos  
Da tua infancia.

As plumbeas nuvens,  
Já fugitivas,  
Os ermos buscam,  
Serras esquivas.

Placida a lua  
Nos Ceos alveja,  
Prateia os lagos,  
E as flores beija.

Aqui, ó Laura,  
Teus olhos garços,  
Na limpha clara,  
Nos Ceos esparsos,

Languidos brilham  
Nestas estrellas,  
Que as brandas ondas  
Retratam bellas.

Na côr da rosa,  
A' luz da lua,  
Risonha vejo  
A face tua.

Carmineos labios  
Nos rubros cravos,  
Que n'hastea pendem,  
Quaes mellios favos.

Teu niveo collo  
— Na estatua erguida  
Do amor de Tasso  
— Da bella Armida.

Na onda breve  
O arfar do seio,  
Que a aragem move  
Com brando enleio.

Dos mal-mequeres  
Aureos novellos  
Os anneis fingem  
Dos teus cabellos.

Da violeta  
Na singeleza  
Tua alma vejo,  
Tua pureza.



Ergue-te, ó Laura,  
Do brando leito,  
Da-me em teu peito  
De amor gosar ;  
Um volver d'olhos,  
Um beijo apenas  
Entre as verbenas  
Do teu pomar.

Não fujas, Laura,  
Vem a meus braços  
Leva-me a vida  
Nos teus abraços....

Lá surge um Anjo !  
Oh Ceos, é ella !  
— Estrella vesper  
De luz singela !

Cobre-lhe os membros  
Alva roupagem,  
Que manso agita  
Suave aragem.

Longos cabellos  
Bellos se-estendem,  
E em ondas de ouro  
Dos hombros pendem.

A' ella corro,  
Tento abraçal-a,  
Recurvo os braços,  
Mas sem tocar-a !

Era um Archanjo  
De aereo sonho,  
No ar perdeu-se  
Ledo e risonho.

Laura formosa  
No leito estava,  
Dos meus lamentos  
Só desdenhava.

Já a luz do dia  
Renasce além,  
De balde espero,  
Laura não vem.

Não teem meus versos  
Belleza tanta,  
Que ouvil-oz possa  
Quem tudo encanta.

N'aquelle peito  
De olente flor,  
Paixoens não entram,  
Não entra amor.

Era uma estatua—exemplo de belleza,  
E como ella de marmor tinha o peito!



## QUE MUNDO E' ESTE ?

Que mundo ? que mundo é este ?  
Do fundo seio d'est'alma  
Eu vejo... que fria calma  
Dos humanos na fereza !  
Vejo o livre feito escravo  
Pelas *leis* da prepotencia ;  
Vejo a riqueza em demencia  
Postergando a natureza

Vejo o vicio enthronisado ;  
Vejo a virtude cahida,  
E de corôas cingida  
A estatua fria do mal ;  
Vejo os traidores em chusma  
Vendendo as almas impuras,  
Remexendo as sepulturas  
Por preço d'aureo metal.

Vejo fidalgos d'estopa,  
Ostentando os seus brasoens,  
Feio enxerto de dobroens  
Nos troncos da fidalguia ;  
Vejo este mundo as avessas,  
Seguindo fatal derrota,  
Em quando farfante arrota  
Podres grandezas de um dia !

Bronzea estatua—o rico surdo  
Aos tristes ais da pobreza  
Amostra com vil rudeza  
Uma burra aferrolhada ;

Manequim de estupidez  
No orgulho vão da cubiça  
Tem por divisa sedição  
— Alguns vintens e mais nada.

O poder é só dos Crescos,  
A sciencia é de encommenda ;  
Sem capital e sem renda  
Com pouco peso—o que val ?  
Talentos—palavroens òcos !—  
Que nunca deixaram saldo ;  
Não ha substancia no caldo  
Que não tempera o metal !

Sisudez... que feia masc'ra !  
Isso é peste, isso é veneno !  
Si é pobre, nasceu pequeno ,  
Quem aspira a posição ?!  
Não vê que é grande toleima  
Querer subir sem moeda,  
Pois não escapa da queda  
Quem teve um leito no chão !

Que se impertigue enfunado  
Algum sandeu que traz marca...  
Reparem que a bisca embarca  
Que leva á véla o batel !  
E o povo que o vê fulgindo  
Com lantejoulas brilhantes  
Não olha p'ra o que foi d'antes,  
E nem lhe enxerga o xarel !

E o mais é que zune e grasna  
O patéta aparvalhado !  
Parece que é deputado  
Os Ministros fulminando ;  
Grita, berra, espenoteia,  
Calumnía, faz intriga,  
Mas logo falla a barriga,  
E vai a têta chupando !

Digam lá o que quizerem  
Falle embora o maldizente ;  
Eu bem sei que tudo, mente,  
Sei que o mundo tem razão ;  
Si eu tivesse na algibeira  
Alguns cobres, que ventura !—  
Mudava o nome, a figura,  
icava logo—*Barão* !

## O BARAO DA BORRACHEIRA.

Quando pilho um d'esses *nobres*,  
Ricos só d'aureo metal  
Mas *d'espírito* tam *nobres*  
Que não possuem real,  
Não lhes são do costado..  
— Sei que é trabalho baldado,  
Porque a pelle dura tem ;  
Mas eu fico satisfeita,  
Que o meu ferrão só respeita  
A virtude, e mais ninguem !  
(F. X. DE NOVAES.—*A Vespa.*)

Na Capital do Imperio Brasileiro,  
Conhecida pelo—Rio de Janeiro,  
Onde a mania, grave enfermidade,  
Já não é, como d'antes, raridade ;



E qualquer paspalhão endinheirado  
 De nobreza se faz empanturrado —  
 Em a rua, chamada, do Ouvidor,  
 Onde brilha a riqueza, o esplendor,  
 A' porta de hum modista, de Paris,  
 Lindo carro parou — Numero — X — ,  
 Conduzindo hum volume, na figura,  
 Que diziam, alguns, ser creatura,  
 Cujas fórmãs mui toscas e brutaes,  
 Assemelham-n'a brutos animaes.  
 Mal que da sege salta a raridade  
 Retumba a mais profunda hilaridade.  
 Em massa corre o povo, apressuroso,  
 Para ver o volume monstruoso ;  
 De espanto toda gente amotinada  
 Dizia ser cousa endiabrada !

Huns affirmam que o bruto é um camello,  
 Por trazer no costado cotovèlo ,  
 E' asno, diz um outro, anda de tranco,  
 Apezar do focinho d'urso-branco !  
 Ser jumento aquelle outro declarava,  
 Porque longas orelhas abanava.  
 Recresce a confusão na intelligencia,  
 O bruto não conhecem *d'excellencia* !

Mandam vir do Livreiro Garnier,  
 Os volumes do grande Couvier ;  
 Buffon, Guliver, Plinio, Columella ;  
 Móraes, Fonseca, Barros e Portella ;  
 Volveram d'alto a baixo os taes volumes,  
 Com olhos de luzentes vagalumes,  
 E d'esta nunca vista raridade  
 Não poderam notar a qualidade !

Vencido de roaz curiosidade  
 O povo percorreu toda cidade ;  
 As caducas pharmacias, livrarias,  
 As boticas, e vans secretarias ;  
 E já todos a fé perdido tinham,  
 Por verem que o brutal não descobriam,  
 Quando ideia feliz, e luminosa,  
 Na cachóla brilhou d'hum *Lampadoza* ;  
 Que excedendo em carreira os finos galgos,  
 La foi ter á *Secreta dos fidalgos* ;  
 E dizem que encontrára registrado  
 O nome do collosso celebrado :  
 Era o grande *Barão* da borracheira,  
 Que seu titulo comprou na *regia-feira* !...

## A CAPTIVA.

Huma graça viva  
Nos olhos lhe-mora,  
Para ser senhora  
De quem é captiva.

CAMOENS.

Como era linda, meu Deus !  
Nao tinha da neve a côr,  
Mas no moreno semblante  
Brilhavam raios de amor.

Ledo o rosto, o mais formoso,  
De trigueira coralina,  
De Anjo a bocca, os labios breves  
Côr de pallida cravina.

Em carmim rubro engastados  
Tinha os dentes crystallinos ;  
Doce a voz, qual nunca ouviram  
Dulios bardos matutinos.

Seus ingenuos pensamentos  
Sam de amor juras constantes ;  
Entre a nuvem das pestanas  
Tinha dous astros brilhantes.

As madeixas crespas negras  
Sobre o seio lhe pendiam,  
Onde os castos pomos de ouro  
Amorosos se escondiam.

Tinha o collo assetinado  
— Era o corpo uma pintura —  
E no peito palpitante  
Um sacrario de ternura.

Limpida alma — flor singela  
Pelas brisas embalada,  
Ao dormir d'alvas estrellas,  
Ao nascer da madrugada.

Quiz beijar-lhe as mãos divinas,  
Afastou-m'as — não consente ;  
A seus pés de rojo puz-me,  
— Tanto póde o amor ardente !

Não te afastes lhe supplico,  
E's do meu peito rainha ;  
Não te afastes, n'este peito  
Tens hum throno, mulatinha !...

Vi-lhe as palpebras tremerem,  
Como treme a flor louçan,  
Embalando as niveas gotas  
Dos orvalhos da manhan.

Qual na rama enlanguecida  
Pudibunda sensitiva,  
Suspirando ella murmura ;  
Ai, senhor, eu sou captiva !...

Deu-me as costas, foi-se embora  
Qual da tarde ao arreból  
Foge a sombra de uma nuvem  
Ao cahir da luz do sol.

## SONETO.

Sob a copa frondoza e recurvada  
De enorme gamelleira, Secular,  
Sentado n'uma úfa a se embalar  
Estava certa moça enamorada.

Eis que róla dos ramos inflammada  
Tremenda jararaca a sibilar ;  
Fica a joven na corda, sem parar,  
Como a Nympha de amor electricada !

Anjo Bento ! exclamaram os circumstantes;  
— Foje a cobra de horrenda catadura,  
Os olhos revolvendo coruscantes.

Mas a bella moçoila com frescura  
N'um sorriso accrescenta — é das amantes  
Nem das serpes temer a picadura.

## NOVO SORTIMENTO DE GORRAS

PARA

### A GENTE DO GRANDE TOM.

De repente, magoado  
Da carapuça maldita,  
Qual possesso, o pobre grita  
Contra o fabricante ousado !  
Debalde o artista, coitado,  
Já de receio convulso  
Quer provar que nobre impulso  
O move, quando trabalha !  
— A carapuça que talha  
Ninguem cré ser feita avulso !

(F. X. DE NOVAES.)

Se estudante que vive á barba longa,  
Excedendo, no grito, uma araponga,  
Braveja contra o *fero despotismo*,  
No lethes sepultando o servilismo ;

E depois, quando chega a ser doctor,  
 Se transforma em sedição adulator;  
 Permuta a consciencia por dinheiro,  
 E se faz, do Governo, fraldiqueiro :  
 Não te espantes, Leitor, d'esta mudança,  
 São milagres da Deusa da pitança.

Se vires um tratante ou embusteiro,  
 Com tretas, illudindo ao mundo inteiro,  
 A todos atirando horrendo bóte,  
 Sem haver quem o coce a calabrote ;  
 Se vires o criterio despresado,  
 O torpe ratoneiro empoleirado,  
 Orelhudos jumentos — de gravatas,  
 E homens de saber a quatro patas :  
 Não te espantes, Leitor, da barbaria,  
 Que é Deusa do Brasil a bruxaria.

Se dormem de bolor encapotadas,  
 Roidas do gusano, esfarrapadas,  
 Nossas Leis, sentinellas vigilantes,  
 D'empregados remissos e tratantes ;



Se o Jury criminal, da nossa terra,  
 Postergando o direito, sempre aberrá,  
 Punindo com rigor pobres mofinos,  
 E dando liberdade aos assassinos :  
 Chiton, pio Leitor, não digas nada—  
 A Lei, cá no Brasil, é patacoada.

Se perluxo e dengoso magaréfe,  
 Com passinhos de dança, *téfe-téfe*,  
 Entre as damas pretende ser Cupido,  
 Mas, chupando cudilho, sahe corrido ;  
 Se um varão de corôoa, digo, Padre,  
 Por obra do *divino*, c'o a comadre,  
 Fábrica seu filhinho, por brinquedo,  
 Empinge no marido—psio !... segredo !  
 E' que sobre o sachrista mais constante  
 Imperam os decretos de Tonante.

Se o pobre, do trabalho extenuado,  
 N'um dia de prazer fica *monado* ;  
 E a ronda, que *tropeça e cambaleia*,  
 Encaixa o miserando na cadeia ;  
 Se *fortes* Brigadeiros, Coroneis,  
 Habitam as tabernas, e hoteis ;

A gente do bom tom, os Deputados,  
 Se *torram* e não sam encarceirados :  
 E' que a *pinga*, entre nós, está vedada  
 A'quelles que não teem góla bordada.

Se o maçante orador, estuporado,  
 Ardendo por chupar seu—apoiado,  
 Excita o appetite á parceirada  
 Com sedição modestia enfumaçada ;  
 E, depois, diz que a rosa tem perfume,  
 Que esvoaça de noite o vagalume,  
 Que o tabaco se toma pelas ventas,  
 E que as coisas benzidas ficam bentas :  
 E' que a fôfa sandice, os disparates,  
 Empanturram a casa dos orates.

Se um tólo aparvalhado sem juizo,  
 Se arvora em litterato, d'improviso,  
 Arrota erudição—em pleno dia  
 Esbarra de nariz na orthographia ;  
 E outros que nas letras sam mofinos,  
 Vão mostrando ao pateta os desatinos,  
 Curvando-se ao proverbio, mui sabido.  
 —*Que o farrapo se ri do descosido:*

E' que os cegos não andam pelos nobres,  
Mas seguros á mão dos outros pobres,

Se o homem que nasceu p'ra sapateiro,  
E em direito, pretende ser *Guerreiro*,  
Sovelando de rijo no *Lobão*,  
—Ferra o dente na velha *Ordenação*;  
Se o lorpa que nasceu para jumento,  
Não tendo cinco reis de entendimento,  
Banido da sciencia, bestalhão,  
Por força do dinheiro, sahe *Barão* :  
E' que a honra, a virtude, a intelligencia,  
Não passam de estulticia ou vil demencia.

Se erudito doctor, *filosophal*,  
Querendo dar noções do animal,  
Nos demonstra que a pata põe o ovo,  
E d'elle brota o pinto, ainda novo ;  
Que segundo os regimens da natura,  
Differe do cavallo na figura ;  
E mettido entre a cruz e a caldeirinha  
Vai dar co'a explicação lá na casinha ;  
E' que o nescio chegou a sabichão  
Por milagre da sancta protecção.

Se torto alambasado palrador,  
 Mais tapado que *xucro borrador*,  
 Tosto *embroglio* tecendo impertinente,  
 De camello, que era, se faz gente ;  
 E cansando os humanos com sandices,  
 Por verdades impinge parvoices ;  
 Já roncando saber, qual tempestade,  
 Ser nas letras pretende potestade,  
 E' que o nescio, coitado, não trepida,  
 Sobre os ares formar petrea guarida.

Se esquentado patóla ás Musas dado,  
 Vai, a esmo, trovando sem cuidado ;  
 E cedendo aos arrobos do talento,  
 Mais rapido se faz que o rijo vento ;  
 E os pólos devassando mui lampeiro,  
 Sustenta que Neptuno foi barbeiro ;  
 Escrevendo tolices de pateta,  
 Consegue, sem o—chrisma — ser poeta :  
 E' que Apollo sustenta bizzarria,  
 E cavallos precisa á estrebaria.

Eu, que inimigo sou do fingimento,  
 Em prosa apoquentado sem talento,

Apenas solettrando o b—a—bá,  
Empunho temeroso o *maraká*.  
Não posso supportar fôfos *Barões*,  
Que trocam a virtude por dobrões;  
Qual vespa, esvoaçando, atroz picante,  
Com satyra mordaz, sempre flammante,  
Picando picarei por toda a parte,  
Se a tanto me ajudar ferrão e arte.



## RETRATO DE UM SABICHÃO.

Va de retrato  
Por consoantes,  
Que eu sou Timantes  
De um nariz de Tocano cór de Pato.

G. DE MATTOS.

Telas despreso,  
Liso marfim,  
Rubro carmim,  
Para a cara pintar do estulto Creso.

Só quero, Apeles,  
Lapis grosseiro,  
Negro tinteiro,  
Que o lorpa que retrato é muito réles.

Em roto esquite  
Traço o desenho,  
Com tal empenho  
Que esculpo de improviso o tal patife.

Ventas de mono,  
Olhar sizudo,  
Alfivo e mudo,  
Como quem de pensar perdera o somno!

Fronte quadrada,  
Tendo de espeque  
Um curvo beque,  
Pendente da caraça mal chanfrada.

Nariz de vara,  
E companhia,  
Que em pleno dia  
Conserva noute escura em toda cara.

Franzida a testa,  
Longas beiçolas  
Tem o tal bolas,  
Que os lares de Minerva horrendo impesta.

Grandes orelhas  
De burro velho,  
E um chavelho  
Sobre a colmeia de aticas abelhas.

Hirsuto o pello;  
De porco-espinho,  
Lato o fucinho,  
Que de vacca não é, nem de camello.

Olhos vidrados  
Entre altaneira  
Negra viseira,  
Que dous montes parecem recurvados.

Rubras bochechas,  
Engordurados,  
E tam inchadas  
Que parecem de mero amplas ventrechas !



Rotunda a pansa,  
Azabumbada,  
Que em trovoada  
Traz o gordo cetaceo—em contradança.

Pernas de croque,  
Atesouradas,  
E tam vergadas  
Que dous arcsos parecem de bodoque.

Fofu beocio,  
Com ar de nico ;  
Grosseiro mico  
Entre os sabios mettido a capadocio.

Toma juizo,  
Deixa a luneta,  
Torto cambeta,  
Que essa tosca figura causa riso.

Não sejas tôlo,  
Deixa o Baucher,  
E Pothier,  
—Tens vazia a cachola, sem miolo.

Não toma esturro,  
Bruto eiviçon ;  
Larga o Rogron,  
Que eu já vi de pensar morrer um burro.

Toma o conselho,  
Que te-hei dado;  
Marcha, tapado,  
Vai mirar essa cara n'um espelho.



## N'UM ALBUM.

### É MANIA !

Ora quer, porque quer, o meu amigo,  
O perluxo e dengoso Zé Maria,  
Que eu mil versos troveje, retumbantes,  
N'um album que possue, só por mania !

Não vê nem pensa  
O caro amigo,  
Que a musa esquiva  
Não toma abrigo,  
No teso craneo  
De um mão tarélo,  
Que por miolos  
Só tem farelo !

Bem sei que a estupidez, de enormes patas  
Qual Icaro pateta aos ares vôa,  
Mas sem tino, perdida entre as espheras,  
N'altas nuvens tropeça e cahe a tôa.

Assim capengas  
Qualificados,  
Vam rabiscando  
Enthusiasmados,  
Gotosos versos,  
Com rheumatismo;  
Que bichas pedem,  
E sinapismo.

Porém o que fazer em taes apuros,  
Se o amigo reclama versalhada?  
— Traçar sobre o papel com mão singela  
O retrato da Bella, sua amada.

Potentes versos  
Requer o caso,  
Do grande Homero  
Torquato ou Naso!  
Silencio, ó Vates,  
Que eu vibro a lyra!  
— Cyprina treme,  
E amor suspira!

Tem rosto amelloado—é pão de broa,  
Nariz de funil velho acachapado,  
Por sobr'olhos altivas ribanceiras,  
Pescoço de cegonha esgravinhado.

Limosos dentes,  
De côr incerta,  
A bocca torta,  
Que mal se-aperta ;  
Pendidos beiços,  
Abringelados,  
Onde o—*Cazuza*  
Poem seus cuidados.

O corpo é um tonel empanzinado,  
Por pés tem duas lanchas ou saveiros,  
Por braços mastaréos sem cordoalhas,  
Por tetas dous terriveis travessciros.

Tem barbatanas,  
Como baleia,  
Carão, emfim,  
De lua-cheia ;  
Renga de um quarto,  
A gambia esguia,  
— Eis por quem morre  
O Zé Maria !

Não cores, meu amigo, do retrato,  
Pois que a Nympha é prendada—tem dinhiro;  
E' filha de um Barão—homem de peso,  
Que do teu velho pae foi cosinheiro.

Cerra os ouvidos  
Aos que murmuram,  
Parvos, beocios,  
Que a raça apuram,  
Empolga a chelpa  
Faz-te bizarro,  
Dá na pobreza  
Um forte esbarro.

*elle*

## MINHA MÃE.

Minha mãe era mui bella,  
— Eu me-lembro tanto d'ella,  
De tudo quanto era seu !  
Tenho em meu peito guardadas.  
Suas palavras sagradas  
C'os risos que ella me-deu.

JUNQUEIRA-FREIRE.

Era mui bella e formosa,  
Era a mais linda pretinha,  
Da adusta Lybia rainha,  
E no Brasil pobre escrava !  
Oh, que saudade que eu tenho  
Dos seus mimosos carinhos,  
Quando c'os tenros filhinhos  
Ella sorrindo brincava.

Eramos dois—seus cuidados,  
Sonhos de sua alma bella ;  
Ella a palmeira singela,  
Na fulva areia nascida.  
Nos roliços braços de ebano  
De amor o fructo apertava,  
E á nossa bocca junctava  
Um beijo seu, que era vida,

Quando o prazer entreabria  
Seus labios de roixo lirio,  
Ella fingia o martyrio  
Nas trevas da solidão.  
Os alvos dentes nevados  
Da liberdade eram mytho,  
No rosto a dor do afflicto,  
Negra a côr da escravidão.

Os olhos negros, altivos,  
Dous astros eram luzentes ;  
Eram estrellas cadentes  
Por corpo humano sustidas.



Foram espelhos brilhantes  
Da nossa vida primeira,  
Foram a luz derradeira  
Das nossas crenças perdidas.

Tam terna como a saudade  
No frio chão das campinas,  
Tam meiga como as boninas  
Aos raios do sol de Abril.  
No gesto grave e sombria,  
Como a vaga que fluctua,  
Placida a mente—era a Lua  
Reflectindo em Ceos de anil.

Suave o genio, qual rosa  
Ao despontar da alvorada,  
Quando treme enamorada  
Ao sopro d'aura fagueira.  
Brandinha a voz sonora,  
Sentida como a Rolinha,  
Gemendo triste sosinha,  
Ao som da aragem faceira.

Escuro e ledó o semblante,  
De encantos sorria a fronte,  
— Baça nuvem no horisonte  
Das ondas surgindo á flor ;  
Tinha o coração de santa,  
Era seu peito de Archanjo,  
Mais pura n'alma que um Anjo,  
Aos pés de seu Criador.

Se junto á cruz penitente,  
A' Deus orava constricta,  
Tinha uma prece infinita  
Como o dobrar do sincero ;  
As lagrimas que brotavam  
Eram perolas sentidas,  
Dos lindos olhos vertidas  
Na terra do captiveiro.



## NO CEMITERIO DE S. BENEDICTO

**Da cidade de S. Paulo.**

Tambem do escravo a humilde sepultura  
Um gemido merece de saudade:  
Ali caya sobre ella uma só lagrima  
De gratidão ao menos.

Dr. B. GUIMARAENS.

Em lugubre recinto escuro e frio,  
Onde reina o silencio aos mortos dado,  
Entre quatro paredes descoradas,  
Que o caprichoso luxo não adorna,  
Jaz de terra coberto humano corpo,

Que escravo succumbiu, livre nascendo !  
Das horridas cadeias desprendido,  
Que só forjam sacrilegos tyrannos,  
Dorme o somno feliz da eternidade.

Não cercam a morada luctuosa  
Os salgueiros, os funebres cyprestes;  
Nem lhe guarda os humbraes da sepultura  
Pesada lage de espartano marmore,  
Somente levantado em quadro negro  
Epitaphio se lê, que impoem silencio !  
— Descansam n'este lar caliginoso  
O misero captivo, o desgraçado !...

Aqui não vem rasteira a vil lisonja  
Os feitos decantar da tyrannia,  
Nem offuscando a luz da san verdade  
Eleva o crime, perpetúa a infamia.

Aqui não se ergue altar ou throno d'ouro  
Ao torpe mercador de carne humana.

Aqui se curva o filho respeitoso  
Ante a lousa materna, e o pranto em fio  
Cahe-lhe dos olhos revelando mudo  
A historia do passado. Aqui nas sombras  
Da funda escuridão do horror eterno,  
Dos braços de uma cruz pende o mysterio,  
Faz-se o sceptro bordão, andrajo a tunica,  
Mendigo o rei, o potentado escravo !





# **POESIAS**

**DO EXM. SR. DR.**

**J. BONIFACIO D'ANDRADA E SILVA**





## A RODRIGUES DOS SANTOS.

### I

Saudai-o agora á margem do caminho  
No marco extremo o viajor dormido !  
Saudai-o !—d'este mundo apodrecido,  
Vêde-o, buscando a luz do excelso ninho !...  
Cedro que o vento derrubou na poeira,  
Tribuno que despiu purp'ra e arminho,  
Soldado que morreu juncto á bandeira !

Do vulto gigantesco a sombra agora  
Perdeu-se na infinita escuridade...  
Na ampulheta de Deus—na eternidade  
Não vale o tempo, não se conta uma hora !  
Saudai a estrella que surgiu nos ceus,  
O coração que ergueu á liberdade  
Epinicios de amor, louvando a Deus.

No viço do poder—eil-o tombado  
Como o cedro no visio da montanha ;  
Bateu-lhe o coração na dor tamanha  
E o espirito exultou no ceu doirado !  
Rico de inspirações no vôo ardente  
Nas azas do prazer viram-no alado,  
—Inda o mesmo ao morrer—inda mais crentel

Oh não manchou a tunica brilhante  
No feio tremedal—na apostasia !  
Não cuspiu a derrota... elle sorria  
Vendo a face do sol no gyro ovante !  
Não foi dos entes vis, que em praça impura  
Vendem a alma á fortuna triumphante,  
E perjuram ao pé da sepultura !

Elle não!—a bandeira immaculada  
Guardou-a inteira no fervor da fé ;  
Na beira do sepulchro—a mesma—em pé,  
Santa como ondeou—lá está cravada !  
Grande no povo, no fulgor da crença,  
Deixou de chofre a terrenal morada,  
E banhou-se feliz na luz immensa !

II

Maldicto o ser desgraçado  
Que do altar quebrou a imagem,  
Que seu preito de homenagem  
Viu por preço vil comprado !  
Maldicto !—fique a lembrança  
Como o symb'lo do peccado  
No Calvario da esperança !

A estatua nua e sem côr  
Ergam sobre um mausoleo ;  
O braço que não tremeu  
Trema agora de terror !  
Seja ali que o mundo o ponha,  
Emblema triste da dôr  
Na solidão da vergonha !

Lá nas fundas sepulturas  
Os ossos hão de ranger ;  
Ha de a caveira dizer  
D'aquellas sombras escuras :  
— Judas, Judas, não te visto,  
Vai teus serviços vender,  
Tu que já vendeste a Christo !

Soldado da liberdade  
Beijaste humilde a poeira,  
Não renegaste a bandeira  
Nas horas da tempestade !  
Viste os braços de uma cruz  
E ás portas da eternidade  
Inda avistaste essa luz !

Não foste, pobre mendigo,  
Catando as flores da estrada  
Mostrar a mão rêcheada  
Pelos campos do inimigo ;  
Fechando o livro da historia,  
Os puros louros do amigo  
Atar ao Deus da victoria.

Sentinella no teu posto  
Tiveste o mesmo logar,  
— Nos degraus do mesmo altar,  
— Do mesmo leito no encosto :  
Hoje conservas no chão  
A mesma luz no teu rosto,  
A mesma fé na feição !

No seio do teu partido  
Pregador do povo-rei  
Os mandamentos da lei  
Soaram no labio unguido !  
Oh dos teus na lucta immensa  
Levaste, nobre vencido,  
O sentir, a idéa, a crença !

### III

Quantas vezes sincera a voz chorosa  
Soltou os tristes psalmos da desgraça ? !  
Quantas vezes da dôr n'amarga taça  
Viu o pranto ferver n'alma anciosa ? !  
Ai ! que valem, meu Deus, pobres sorrisos ? !  
Cresce do abysmo á borda a flor mimosa,  
Si a lagrima não cae, choram os risos !

No tropel das paixões, que os homens leva,  
 Tranquilla a face á masc'ra que nos mata ;  
 Vasando flores a fortuna ingrata  
 No meio do festim as furias ceva !  
 A noite surge... lá descamba o astro,  
 E a tempestade que no ar se eleva  
 Deixa-o morrer, si não lhe apaga o rastro !

Gloria, que vales tu ?—prantos á flux ;  
 Ergues junto da forca um capitolio,  
 Ao pé do cadafalso um rico solio  
 E em teus salões o pedestal da cruz !  
 Tens o aroma da flor, da flor o espinho,  
 Em teu seio o clarão de trega luz  
 E em teus jardins os cardos do caminho !

#### IV

Eil-o tão mudo ali !—voltou de novo !  
 Ao pó d'onde sahiu—juncto ao cypreste !  
 Morto como viveu—honras não veste,  
 Dorme como nasceu—homem do povo !  
 Ha grandezas ahi... saudai a cruz !  
 Surge sempre da campa algum renovo,  
 — Do sangue a vida, do supplicio a luz.

Da terrestre prisão, quebrando os laços,  
Poiso foi procurar na eternidade,  
Como no turbilhão da tempestade  
Doideja a aguia perdida nos espaços !...  
Viu dos livres o sol... viu o clarão  
Da Providencia além... abriu seus braços,  
Grande n'alma, fiel no coração !

Saudai-o ! da tribuna o heroico vulto  
Baixou c'roadado aos angulos de uma campã ;  
Ao sol grandioso que no mar se estampa  
Novos preitos rendei, rendei-lhe culto !  
Saudai o lidador sobre a poeira...  
Vingue-se a gloria do terrestre insulto,  
Cubra-lhe a campã a liberal bandeira !

1858.



## SAUDADES DO ESCRAVO.

Escravo—não, não morri  
Nos ferros da escravidão ;  
Lá nos palmares vivi,  
Tenho livre o coração !  
Nas minhas carnes rasgadas,  
Nas faces ensanguentadas  
Sinto as torturas de cá ;  
D'este corpo desgraçado  
Meu espirito soltado  
Não partiu—ficou-me lá !...



N'aquellas quentes areias  
N'aquella terra de fogo,  
Onde livre de cadeias  
Eu corria em desafogo...  
Lá nos confins do horisonte..  
Lá nas planícies... nos montes...  
Lá nas alturas do céu...  
De sobre a matta florida  
Esta minh'alma perdida  
Não veio—só parti eu.

A liberdade que eu tive  
Por escravo não perdi-a ;  
Minh'alma que lá só vive  
Tornou-me a face sombria,  
O zunir do fero açoite  
Por estas sombras da noite  
Não chega, não, aos palmares !  
Lá tenho terras e flores...  
Minha mãe... os meus amores...  
Nuvens e céus... os meus lares !

Não perdi-a—que é mentira  
Qu'eu viva aqui onde estou ;

A' toda hora suspira  
Meu coração—p'ra lá vou !  
Oíço as féras da floresta,  
Em feia noite como esta  
Enchendo o ar de pavor !  
Oíço, oh ! oíço entre os meus prantos  
Além dos mares os cantos  
Das minhas aves de amor !

Oh nuvem da madrugada,  
Oh viração do arrebol,  
Leva meu corpo á morada  
D'aquella terra do sol !  
Morto embora nas cadeias  
Vai poisal-o nas areias  
D'aquelles plainos d'alem,  
Onde me chorem gemidos,  
Pobres ais, prantos sentidos,  
Na sepultura que tem !

Escravo—não, ainda vivo,  
Inda espero a morte ali ;  
Sou livre embora captivo,  
Sou livre, inda não morri !

Meu coração bate ainda  
N'esse bater que não finda ;  
Sou homem—Deus o dirá !  
D'este corpo desgraçado  
Meu espirito soltado  
Não partiu—ficou-me lá !

São Paulo—1850.

## CALABAR.

Oh não vendeu-se, não !—elle era escravo  
Do jugo portuguez—quiz a vingança,  
Abriu sua alma ás ambições de um bravo  
E em nova escravidão bebeu a esp'rança !  
Combateu....pelejou...entre a batalha  
Viu essas vidas que no pó se somem ;  
Enrolou-se da patria na mortalha,  
Ergueu-se—inda era um homem !

Calabar ! Calabar !—foi a mentira  
Que a maldição cuspiu em tua memoria !

Amaste a liberdade ;—era uma lyra  
De loucos sonhos, d'elevada gloria!  
Alma adejando n'este céo brilhante  
—Sonhaste escravo reviver liberto;  
Subiste ao largo espaço triumphante,  
Voaste — era um deserto !

A quem trahiste, heroe ? na vil poeira  
Que juramento te prendia a fé ?!  
Escravo por escravo—essa bandeira  
Foi de um soldado—lá ficou de pé !...  
Viu o sol entre as brumas do futuro  
—Elle que por si só nada podia ;  
Quiz vingar-se tambem,—no sonho escuro  
Quiz ter tambem seu dia !

O pulso roixo da fatal cadcia  
Brandio uma arma, pelejou tambem ;  
Viram-no erguido na refrega feya,  
—Sombrio vulto que o valor sustem !  
Respeitai-o —que amou a heroicidade !  
Quiz erguer-se tambem do raso chão !  
Foi delirio talvez—a eternidade  
Teve no coração !

Oh que o Céu era lindo, e o sol se erguia,  
Como um incendio nas brasileiras terras :  
Da cimeira da serra a voz rugia,  
E o som dos ventos nas remotas serras !  
Adormeceu...—á noite em funda calma  
Ouviu ao longe os echos da floresta ;  
Bateu-lhe o coração—triste sua alma  
Sorriu-se—era uma festa !

Homem—sentiu na carne desnudada  
O açoite do algoz nodoar-lhe a honra,  
E o sangue sobre a face envergonhada  
Mudo escreveu o grito da deshonra !  
Era escravo !—deixai-o que combata ;  
Livre nunca elle foi, quer sel-o agora,  
Como o peixe no mar, a ave na matta,  
Como no Céu a aurora !

Oh deixai-o morrer !—d'este martyrio  
Não alceis a calumnia ao gráo da historia !  
Que fique a lusa mão em seu delirio  
—Já que o corço manchou, manchar a gloria!

Respeitemos as cinzas do guerreiro  
Que no pó sacudira a altiva fronte !  
Quem sabe esse mysterio segreheiro  
Do sol lá no horisonte ? !

Não se vendeu ! infamia...era um escravo !  
Sentiu o stygma vil, horrendo sello ;  
Pulsou-lhe o coração, viu que era um bravo;  
Quiz despertar do negro pesadello !  
Tronco sem folhas triste e solitario,  
Debalde o vento assoberbar tentou;  
Das azas do tufão ao sopro vário  
Estremeceu—tombou !

Paz ao sepulchro ! Calabar morreu !  
Sobre o tôpo da cruz falla a verdade ;  
Quiz ser livre tambem — elle escolheu,  
Entre duas prisões quiz ter vontade !  
E a mão heroica que susteve a Hollanda  
A covardia entrega desarmada !...  
Vergonha eterna a Providencia manda  
A' ingratição manchada !

Morreu ! — mas lá no marco derradeiro  
O coração de amor bateu-lhe ainda !  
Minha mãe, murmurou...era agoureiro  
Esse queixume de uma dôr infinda !  
Morreu, o escravo se desfez em pó...  
Ferros lançai-lhe agora, si o podeis !  
Vinde tyrannos — ella está bem só,  
    Dictai-lhe agora leis !

1850.





## ENLEVO.

Se inveje as corôas, os cantos perdidos  
Dos Bãrdos sentidos—que altivos ouvi,  
Bem sabes donzella, que os loucos desejos,  
—Que os vagos almejos —sam todos por ti.

Bem sabes que ás vezes teu pé sobre o chão  
No meu coração faz echo passando,  
Que sinto e respiro teu halito amado,  
E mesmo acordado só vivo sonhando !

Bem sabes, donzella, na dor ou na calma,  
Que é tua a minha alma, que é meu o teu ser,  
Que vivo em teus olhos, que sigo teus passos,  
Que quero em teus braços viver e morrer.

A luz do teu rosto—meu sol de ventura  
—Saudade, amargura, não sei o que mais—  
Traduz meu destino n'um simples sorriso,  
Que é meu paraíso—n'um gesto de paz.

Se triste desmaias, se a côr te fallece,  
A mim me parece que foges p'ra o céo,  
E eu louco murmuro nos amplos espaços,  
Voando a teus braços: és minha, sou teu.

Da tarde no sopro suspira baixinho,  
No sopro mansinho suspira—quem és?  
Suspira...has de ver-me de frente abatida  
Sem força, sem vida—curvado a teus pés.

*elza*

## A' GARIBALDI.

### I

Erguei-lhe um throno !... tem laureis de mais  
Beijai-lhe as palmas ! .. são laureis de gloria!  
Não quer do escravo a somnolenta paz ;  
Livre—não vende o premio da victoria !

Erguei-lhe um throno!—para que?—deixai-o  
Sacudir-se nas azas da metralha !  
Tem no braço o poder, no gladio o raio,  
E seu manto real tem na batalha.

Surge... e a Italia lhe conhece o passo ;  
E os rotos batalhões cerrão de novo !  
Embalde o cercão, pelo immenso espaço  
Tem combatentes—ali está seu povo !

Eis o negro corsel relincha ovante,  
Escutando o clarim na metralhada !...  
Acompanhai-o—que elle está diante,  
Marca-lhe o rumo a ponta de sua espada.

Vai seu caminho, heróe da liberdade,  
Audaz guiando a marcial cohorte !  
Manda o canhão seu nome á eternidade  
— Da metralha senhor, rival da morte !

Sabem-lhe a vida ardente—essa epopéa,  
Com sangue escripta ao trom da artilharia,  
Nas planicies—nos montes—sobre a arêa,  
Ou nos mares á voz da ventania !

Magestoso, na frente da columna,  
Tremúla heroica a nacional bandeira ;  
De seu cavallo á cauda ata a fortuna,  
Leva no braço a gloria prisioneira.

Roja ancioso pelo solo raso  
Soldados, generaes, c'róas e sceptros !  
Enviado de Deus—filho do acaso  
Seguem-lhe turbas de milhões de espectros !

Vem dos ferros, do exilio, da prisão,  
Dos cemiterios, da masmorra escura,  
— De Veneza, de Roma, de Milão—  
Querem na patria ao menos sepultura !

Este é a triste mizeria, aquelle a fome ;  
Este a ambição cahida, a quella a dôr ;  
Este a saudade que o sepulchro some ;  
Aquelle a sombra de um perdido amor !

Da independeneia o sol—eil-o que gyra  
Sobre mil combres de pœira e ossos !  
Que vasto incendio !—em fumegante pyra  
Vede-o—de pé—sereno—entre destroços !

## II.

Oh ! vinde de Italia, oh ! bravos,  
Vinde honrar essa c'ragem ;  
Vinde saudar na passagem  
O vingador dos escravos !

Inda negro de poeira—  
Vem crayar essa bandeira—  
Toda dé balas partida,  
Que lá ficou nas batalhas  
Entre sangrentas mortalhas  
— Nunca morta—inda com vida !

Nos temerosos combates  
Já tem provado valor ;  
Da guerra aos fortes embates  
Não soube mudar de côr !  
Renovo puro e possante  
D'essa Roma triumphante,  
— Não da Roma escravizada—  
Inda sonha... que destino !  
No Janiculo, no Aventino,  
A liberdade c'roda !

Sonha Cicero orgulhoso  
A trovejar no Senado ;  
Vê de Cezar—o famoso  
Roto manto ensanguentado !...  
No *Forum* torvelinhar,  
— Nuvem de cinza no ar—

Cuida ver a multidão !  
Sauda os Grachos altivos,  
Que nunca forão captivos,  
Esses rivaes de Catão !

Entre as lembranças divinas  
Dos gigantes monumentos,  
Neste solo entre ruinas,  
Solettrai vossos portentos !  
Erguei-vos... tudo se cala !  
Só a estatua, o marmor falla  
Na mudez da santa paz !  
De Horacio Cocles no Tibre  
— Embora morto, inda livre,  
Vaga a sombra—e nada mais !

Destas cinzas sobre a louza,  
Novo Spartaco se ergueu !  
N'aquella campá repousa  
Uma nação que morreu !...  
Hão de ve-la, erguida agora,  
Rainha, escrava de out'ora,  
Quebrar o somno profundo ;  
Não, não hade a tyrannia  
Curvar a fronte sombria  
Da vencedora do mundo.

III.

Garibaldi—eil-o ali está  
Na Sicilia pelejando ;  
Na fronte que fulge lá  
Vejo a victoria acenando !  
Cheio de virentes louros  
O vulto heroico aos vindouros  
Hade assombrar na grandeza...  
Que esteira immensa de luz !  
Daquella espada na cruz  
Que popular realeza !

Respeitai-o !—nas tormentas  
Vio da America as florestas ;  
Vio as phalanges sedentas  
De outras glorias como estas ;  
Oh ! vio nos bosques cerrados,  
Nos campos descortinados  
Do sol as luzes tamanhas ;  
Vio nas azas do condor  
Alar-se o anjo do amor  
Na solidão das montanhas !



Lá *gaũcho* das campinas,  
 Solto o *ponche* ao furacão,  
 Ouvio soar nas colinas  
 Da liberdade a oração !  
 Medio a gloria do braço  
 Na virgindade do abraço  
 Do céu, da terra e do mar !...  
 Como erão bellos os montes  
 Nesses largos horisontes  
 Do rubro sol—a brilhar !

Sicilianos, saudai—  
 O heròe das lendas sagradas ;  
 Cobri de flores, juncai  
 O frio chão das estradas !  
 A vaga do mar se cala...  
 Já nas plagas de Marsala  
 Retumbou a artilharia :  
 Eil-o, pharol de esperança,  
 Que corre, vòa—não cança,  
 Flagello da tyrannia !

A's armas !—sôa o rebate,  
 Lá está Palermo a tremer,

A's armas!—neste combate  
Cumpre vencer ou morrer!  
Chovão bombas—pouco importa,  
De tanta grandeza morta  
Alçai outra vez um throno:  
Cóllo altivo—a fronte erguida—! ..  
Que vale no chão a vida,  
O pesadello no somno?!

Ha nos campos muita bala  
Enterrada pelo chão,  
— Lembranças que a dôr exhala,  
Saudades de um coração!  
Ha muito corpo esquecido,  
Nos supplicios resequido,  
Ossos já—sem carne apenas:  
Oh! erguei-vos!—que fazeis?  
Não—covardes, não sereis...  
Ha muito pranto nas scenas!

Quem vos guía, viu de perto  
Do Gaulez a torva enchente;  
Vio o Pó no curso incerto  
Estremecer de repente:

Mas, quando Roma curvou-se,  
Quando triste debruçou-se  
A estrella de Scipião...  
Sempre o mesmo, igual na fé,—  
Não quiz ver estranho pé  
Onde assestára o canhão.

Os brazões do livre escudo—  
Foi guardal-os no desterro ;  
Do exilio no seio rudo  
Retemperar seu aferro !...  
Mais tarde—virão-n' o erguido  
Na refrega encandecido  
Festejar da patria o dia...  
Nos austriacos bastiões  
Entre o rugir dos canhões,  
Ao som da fuzilaria.

Hoje ali—a mesma sorte  
Lhe conduzio o baixel ;  
Soltou as azas á morte,  
No galope do corcel !  
Si morrer, na pedra escura  
Que tapar-lhe a sepultura

Abrão-lhe eterna inscripção :  
— Aqui dorme a Italia inteira,  
Só tem por leito a poeira,  
Por travesseiro o canhão !

IV.

Erguei-lhe um throno... tem laureis de mais  
Beijai-lhe as palmas... são laureis de gloria !  
Não quer do escravo a somnolenta paz,  
Livre—não vende o premio da victoria !



## TEU NOME.

Teu nome foi um sonho do passado ;  
Foi um murmurio eterno em meus ouvidos ;  
Foi som de uma harpa que embalou-me a vida ;  
Foi um sorriso d'alma entre gemidos !

Teu nome foi um echo de soluços,  
Entre as minhas canções, entre os meus prantos ;  
Foi tudo que eu amei, que eu resumia —  
Dores — prazer — ventura -- amor — encantos !



Escrevi-o nos troncos do arvoredo,  
Nas alvas praias onde bate o mar ;  
Das estrellas fiz letras — solettei-o  
Por noute bella ao morbido luar!

Escrevi-o nos prados verdejantes  
Com as folhas da rosa ou da açucena !  
Oh quantas vezes na aza perfumada  
Correu das brisas em manhan serena ! ?

Mas na estrella morreu, cahiu nos troncos,  
Nas praias se — apagou, murchou nas flores ;  
Só guardado ficou-me aqui no peito  
— Saudade ou maldição dos teus amores.



## PROMETHEO.

(Fragmento.)

### III.

Na cratera de um volcão  
Fiz meu ninho — aguia sublime;  
Da liberdade a canção  
Acompanhou-me no crime.  
Por cerrado nevoeiro  
O meu cabeçaço altaneiro  
— Ufano cedro enterrei —  
Mas veio o raio celeste  
Como em Jafa a negra peste,  
No chão a face rojei !

Por sobre restos humanos  
Ampla estrada ovante abri ;  
Entre destroços e damnos  
Da bala ao silvo dormi !  
Os homens todos tremiam,  
Quando meus passos ouviam  
Troar n'um brazido acceso;  
Mesmo hoje terror infundo,  
Nem póde soffrer o mundo  
Das minhas glorias o peso.

Possante a fama agoureira  
— Não hei de calar, não calo ;  
Esmaguei a terra inteira  
C'o as patas do meu cavallo !  
Abri mappas, fiz nações,  
Das extinctas gerações  
A fria cinza tremeu !  
Da gloria sobre os caminhos  
Colhi louros dos espinhos,  
Vi na terra a luz do ceo.

Rei da victoria, senhor,  
Das balas que me seguiam,



Da batalha entre o fragor,  
Si eu fallava — ellas fugiam !...  
O vaste da Ukranea ouviu-me,  
Alegre a Italia sorriu-me,  
Caminhei por toda a parte ;  
Viu-me o turco minarete,  
Reluzir meu capacete,  
Fluctuar meu estandarte.

Quem sou ? Pergunta á procella  
Que nome o raio solettra ;  
A's aguas do mar que vela  
O que diz a vaga tetra ;  
O que murmuram sombrias  
As azas das ventanias  
No medonho esfuziar ;  
Que mysterio ouve o tufão,  
Quando o carvalho no chão  
Quebra os ramos no tombar.

Comigo os Alpes dobraram,  
Os gelos se derreteram ;  
Os homens se libertaram,  
E por mim tambem generam !

Do rutilo Cezar o astro  
 Empallideço, se alastro  
 O campo ethereo dos ceos !  
 Não me venceu Alexandre,  
 Como Annibal fui tam grande,  
 Fui na terra um semideus !

No correr da vida a morte  
 Uma epopeia compuz,  
 Nem de Homero a mente forte  
 Maior grandeza traduz !  
 Anjo excelso das batalhas —  
 Não haveriam mortalhas  
 P'ra as vidas que decotei !  
 Fui um Jupiter Tonante,  
 — *Joguei thronos n'um instante,*  
 — *E mil imperios parei.*

Tive um palco — a terra inteira,  
 Vassallos — Papas e Reis !  
 Té dos meus pés a poeira  
 Sagravam como suas leis !  
 N'um dia c'roas pisava,  
 E n'outro sceptros junctava,

Era o idolo do povo :  
Da terra meu vulto ia  
Tocar no sol que luzia,  
Outro sol formar de novo —

Sol de Austerlitz brilhante ;  
Sol de Marengo altaneiro ;  
Sol horrivel deslumbrante,  
Da victoria audaz luzeiro ;  
Sol de homericas batalhas ;  
Sol que ao pé de mortalhas  
Faz os mortos reviver ;  
Sol que ainda assombra a historia ;  
Sol que se chama gloria ;  
Sol que não póde morrer !

Hoje tristonho, isolado  
N'esta rocha solitaria,  
E' meu silencio inda um brado.  
Que electriza a turba varia ;  
Cantam-me o mar e o vento ;  
No furacão turbulento

Vai meu nome á eternidade !...  
Eis meus bravos generaes —  
Na furia dos vendavaes,  
Meu clarim — na tempestade.

N'este Golgotha — aqui suo  
Meu triste suor de sangue ;  
Aqui na vida, que amuo,  
Pende o corpo, a alma não langue ;  
Aqui tenho o meu destino,  
Grande, heroico, divino,  
Aqui talvez a vingança ;  
Sobre esta Ilha esquecida,  
Na minha campa da vida,  
Deus escreveu — esperanza !

Quem sabe si a minha raça  
Precisava de baptismo ;  
Se no crisol da desgraça  
Depurei o heroismo ;  
Si é de minha alma o supplicio,  
Do meu crime o sacrificio

A liberdade esquecida ;  
Se esta minha realeza,  
Por nascer da natureza,  
Precisava ser ungida !

Quiz ser Deus... oh foi loucura,  
Foi horrivel sacrilegio ;  
Não cobrem a sepultura  
As dobras de um manto regio !  
Fui cego... os braços erguidos,  
A tantos seculos perdidos,  
Não avistei de uma cruz !  
Ai não vi n'esta cegueira  
Que aquelle sangue a poeira,  
Não manchou — encheu de luz !



## SAUDADE.

### I.

Eu já tive em bellos tempos  
Alguns sonhos de criança ;  
Já pendurei nas estrellas  
A minha verde esperança ;  
Já recolhi pelo mundo  
Muita suave lembrança.

Sonhava então—e que sonhos  
Minha mente acalentaram ?!

Que visões tão feiçoiras  
Minhas noites embalaram ?!  
Como eram puros os raios  
Dos meus dias que passaram ?!

Tinha um anjo de olhos negros,  
Um anjo puro e innocente,  
Um anjo que me matava  
Só c'um olhar—de repente,  
—Olhar que batia n'alma,  
Raio de luz transparente !

Quando ella ria, e que riso !?  
Quando chorava, —que pranto ! ?  
Quando resava que prece !  
E n'essa prece que encanto !?  
Quando soltava os cabellos,  
Como esparzia quebranto!?

Por entre o chorão das campas  
Minhas visões se occultaram ;

Meus pobres versos perdidos  
Todos, todos acabaram ;  
De tantas rosas brilhantes  
Só folhas seccas ficaram !...

II.

Oh que já fui feliz !—ardente, ancioso  
Esta vida boiou-me em mar d'encantos!  
Os meus sonhos de amor eram mil flores  
Aos sorrisos d'aurora, abrindo á medo  
Nos orvalhados campos !

Ella no agreste monte, ella nos prados,  
Ella na luz do dia, ella nas sombras  
Pardacentas do valle, ella no monte  
No Céu, no firmamento—ella sorrindo !  
Então o sol surgindo feiticeiro,  
Entre nuvens de côres recamadas,  
Segredava mysterios !

Como era verde o florear das veigas  
Brandinha a viração, múrmura a fonte,  
Meigo o clarão da lua, a estrella amiga  
Na solidão do Céu !?



Que sedes de querer, que amor tão sancto,  
Que crença pura, que inefaveis gozos,  
Que venturas sem fim, calcando ousado  
Humanas impurezas ?!

Deus sabe—si por ella em sonho extranho,  
A divagar sem tino em loucos extasis,  
Sonhei, penei, vivi, morri d'amores ?!  
Si um quebro fugitivo de seus olhos  
Era mais do que a vida em plaga edenica,  
Mais do que a luz ao cego, o orvalho ás flores,  
A liberdade ao triste prisioneiro,  
E a terra da patria ao foragido !!!  
Mas ai—ludo morreu !...

Seccou-se a relva, a viração calou-se,  
Os queixumes da fonte emmudeceram,  
Morbida a lua só pratêa lousa,  
A estrella amorteceu, e o sol amigo  
No verdeneiro seio do oceano  
Chorando a face esconde !

Meus amores talvez morreram todos  
Da lua no clarão que eu entendia,  
N'essa restea do sol que me fallava,  
Que tantas vezes me aqueceu a fronte !

III.

Além, além, meu pensamento, avante!  
Que idea agora a mente me assaltêa ?!  
    Lá surge afortunada,  
Da minha infancia a imagem feiticeira !  
Quadra risonha de innocencia angelica,  
Minha estação do Céu, porque fugiste ?  
E que vens tu fazer—agora á tarde  
Quando o sol já desceu os horisontes,  
E a noite do saber já vem chegando  
    E os lugubres lamentos ?!  
Minha aurora gentil—tu bem sabias  
Como eu fallava ás brisas que passavam,  
A's estrellas do Céu, a lua argentea,  
Sobre nuvem purpurea ao sol já frouxo !  
Ante mim se erguia então o venerando  
O vulto de meu Pai,—perto, a meu lado  
Minhas irmãs brincavam innocentes,  
Puras, ingenuas, como a flor que nasce

Em recatado ermo !—Ai minha infancia  
Não voltarás...oh nunca!...entre cyprestes  
Dormes d'aquelles sonhos esquecida !  
Na solidão da morte—ali repoisam  
Ossos de Pai, de Irmãos !...embalde choras  
Coração sem ventura...a lousa é muda,  
E a voz dos mortos só a campa a entende !

Tive um canteiro de estrellas,  
De nuvens tive um rosal ;  
Roubei ás tranças da aurora  
De perolas um ramal.

De auri nocturno véu  
Fez-me presente uma fada ;  
Pedi á lua os feitiços,  
A côr da face rosada.

Contente á sombra da noite  
Resava a virgem Maria;  
De noite tinha esquecido  
Os pensamentos do dia.

Sabia tantas historias  
Que me não lembra nenhuma ;  
Os meus prantos apagaram  
Todas, todas—uma a uma!

IV.

Ambições, qu'eu já tive, qu'é d'ellas ?  
Minhas glorias, meu Deus, onde estão ?  
A ventura—onde vive na terra ?  
*Minhas rosas—que fazem no chão?*

Sonhei tanto !...nos as'ros perdidos  
Noites...noites inteiras dormi ;  
Veio o dia, meu somno acabou-se,  
Não sei como no mundo me vi !

Esse mundo que outr'ora habitava  
Era Céu....paraíso...eu não sei !  
Veio um anjo de fórmias aereas,  
Deu-me um beijo, depois acordei !

Vi maldito esse beijo mentido,  
Esse beijo do meu coração !  
Ambições, qu'eu já tive, qu'é d'ellas ?  
Minhas glorias, meu Deos, onde estão ?

A cegueira vendou-me estes olhos,  
Atirei-me n'um pego profundo ;  
Quiz corôas de gloria... fugiram,  
Um deserto ficou-me este mundo !

As grinaldas de louro murcharam,  
Nem grinaldas —sómente a loucura!  
Vi no throno da gloria um cypreste,  
Junto d'elle uma vil sepultura !

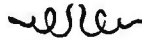
Negros odios, infames traições,  
E mais tarde... um sudario rasgado!  
O futuro?... uma sombra que passa,  
E depois... e depois... o passado !

Ai maldito esse beijo sentido  
Esse beijo do meu coração !  
A ventura—onde vive na terra ?  
Minhas rosas—que fazem no chão ?

V.

Por entre o chorão das campas  
Minhas visões se occultaram ;  
Meus pobres versos perdidos  
Todos, todos acabaram ;  
De tantas rosas brilhantes  
Só folhas seccas ficaram ...

S. Paulo 1850.



## OLINDA.

Olinda — vives formosa  
N'estas collinas perdida ;  
Princeza do mar saudosa  
Tu sonhas de amor rendida !  
Vejo-te ahi feiticeira,  
Talvez pensando agoureira,  
Nessa já morta grandeza ;  
Mas em vez de um rico throno  
N'esse largo e fundo somno  
Fez um ninho a natureza !

Sobre um tapiz de verdura,  
India de amor namorada,  
Tens a vaga que murmura,  
A téus pés escravizada !  
Ai no passado a tua gloria,  
No livro eterno da historia,  
Conservou a mão da sorte ;  
Tu revives na lembrança,  
Como as flores da esperança  
Sobre a cruz — depois da morte.

Foste rainha — o teu sceptro  
Estes campos dominou ;  
Mas veio um dia — poisou  
Nas praias um negro espectro !  
No leito do captivo  
Entre os braços de um guerreiro  
Veneno e goso bebeste !  
Sobre o seio adormecida  
N'aquelle engano da vida,  
Dormiste, mas não morreste !

Oh ! que riqueza sem fim !  
Oh que bulicio sem par !



Tiveste grandeza assim,  
— Ouro e prata a deslumbrar !  
A mão do fado infeliz  
Ver-te nua um dia quiz,  
Só com tuas penas — mas nada !  
Como tu és linda agora,  
Banhando-te á luz da aurora,  
N'aquella vaga asulada ? !

Agora sim como brilha  
O teu cinto de verdura ? !  
Dos bosques mimosa filha  
Que viço na face pura !  
A' sombra d'este arvoredo  
Como se conta um segredo  
Baixinho — na voz das selvas !  
Que misterio lá nos ares !  
Oh que saudade nos mares !  
Oh que perfumes nas relvas !

Aqui misturam-se os hymnos  
Do deserto e da cidade ;  
Aqui das aves nos trinos  
Surri-se a meiga saudade !

Juncto das trevas a luz  
Juncto dos troncos a cruz  
A igreja na solidão ;  
Que importa a morta grandeza,  
Si a qui tenho a natureza  
Me fallando ao coração ?

Ai que a lembrança fugiu-me  
Para nunca mais voltar ;  
Qual da jangada no mar  
A vela que alli surriu-me !  
Oh India bella e formosa,  
Que te inclinas graciosa  
Nas aguas—tam sem receio,  
Eu amo em tarde serena  
Ver essa face morena  
Pendida sobre o teu seio !

Sonho entam, vejo passando  
Algumas sombras na praia !  
Um vago som murmurando  
Pelo espaço — além se espraia !  
Do mar que geme as endeixas,  
Da terna aragem as queixas

Entendo — sei decifral-as !  
De entre as palmeiras saudosas  
Lá das sombras vaporosas  
Sam os gemidos, as fallas !

Alli nas verdes collinas  
Alvos templos se alevantam ;  
Pela varzea peregrinas  
Suspirando as aves cantam ! !  
Alli n'um extasi occulta,  
Morta a vida, a alma sepulta ;  
Doideja em sonho de amor ;  
Alli, meu Deus, alli só  
A cruz murmura no pó  
Falla no vento e na flor !

Eis a esperança que sonha  
Sobre as espumas do mar ;  
Que vem na vaga risonha  
Teus pés mimosos beijar !  
E quando estrellas a mil  
No firmamento de anil  
Traz da noite a mão suprema,  
Então, — oh Nympha das selvas

Sobre o teu leito de relvas  
Encostas o diadema !

Ai infeliz tambem chora,  
Ajoelhada nos montes,  
Em quanto nos horisontes  
Não surge o brilho da aurora !  
Em baixo a dor, o pesar,  
O eterno grito do mar  
Susurra, os échos acórda ;  
Da prece a deusa chorosa  
Vaga na praia saudosa,  
Soluça do mar á borda !

Salve, Olinda, entre as rainhas,  
Rainha da natureza !  
Trocaste o solio que tinhas  
Por mais linda realeza !  
Livre agora do Hollandez,  
Roto o Sceptro portuguez,  
E's pobre, mas tens o riso !  
Se o mar cioso tragar-te  
Pódem na lousa gravar-te :  
— Aquí foi o paraíso !

## O TROPEIRO.

### I.

#### O ARREEIRO.

Olha a madrinha da tropa,  
João :  
O lote não vai seguido,  
Deitou-se o burro—Perdido—  
No chao !

Sentido no levantar,  
Cuidado !  
E' arisca a besta baia,  
Anda, vê que ella não caia,  
Pasmado !

Toca a —Fidalga— da beira  
Da serra ;  
Si escorregar, vai-se embora  
Peló barranco de fóra  
Na terra.

Diabo, que fazes tu,  
Não vês ?  
Sacode o relho, o chicote,  
Só andam cinco no lote,  
Sam seis.

Tinhoso, vira essa cara  
No andar ;  
Estou vendo a cabeça  
Da besta mais carregada  
No ar.

Olha o cavallo tordilho  
Parado ;  
Sentido que o lote espalha,  
Já traz pendida a cangalha  
Do lado.

Deita, deita o tapa-olhos,  
Não pares ;  
Aperta mais o arrôcho,  
Vai o ligal`meio frouxo  
Nos ares.

A ferradura ali está  
Da mão  
Anda, suspende o embornal,  
Não vês o saco de sal  
No chão ?

*Ché* que esperança ! lá vou,  
Rapaz ;  
Vou só beber a caninha  
Ali n'aquella vendinha  
—Detrás.

Vamos depressa, galopa,  
Machinho ;  
Em um *nadinha* lá estou,  
Tenho as chilenas—lá vou,  
E volto logo ao caminho.

Tenho o meu ponche, a garrucha,  
Que mais ?  
Posso seguir socegado  
—Que vou correndo o meu fado.  
Vou com Deus, e vou-me em paz.

II.

O TOCADOR DE LOTE.

Enrolemos o couro,—é já dia,  
Vamos ver nossas bestas no pasto :  
Tenho faca, o cigarro alumia,  
P'ra tocar-as de lá eu só basto.

Vamos, vamos, — estacas no chão !  
Vamos, vamos,—caminhe-se em paz !  
Aqui tenho os cabrestos na mão,  
Tenho milho, cangalha, embornaes.

Carreguemos—que o sol já lá vem ,  
Correguemos—que é tarde—partir !  
Descerei esta serra—inda bem !—  
Volto logo, bem sei que hei de vir.



Ai soltemos o lote primeiro,  
E na frente que *puche* a madrinha :  
Besta velha— com passo ligeiro,  
Que não levas em vão campainha.

Guia as outras, não percas o rumo,  
E sentido que alguma não passe ;  
Tenho os pés callejados, — a prumo  
Cahe o sol, —já tostou-me esta face.

Vou dormir lá por baixo da serra ;  
Tenho o couro, de nada precisò ;  
Descarrego os jacás, —sobre a terra  
Durmo alegre ao luar — que sorriso !

Bem me entendem as bestas, si fallo ;  
Tem seu nome—qu' eu as baptizei ;  
No assobio, do relho no estalo  
Si converso com ellas eu sei !

Vou cantando—que o sopro da aragem  
Traz-me o riso na voz do trabalho ;  
De viola na mão —na viagem  
Bato o pé na *tyranna*, si fallo.

Vamos, vamos seguindo o caminho  
—Que eu já tenho saudades da serra;  
Nasci lá pelos montes sosinho,  
Quero ver outra vez minha terra ;

Minha casa de palha coberta,  
Minha cerca de páo de pinheiro;  
Quero ouvir quando a aurora desperta,  
O meu gallo cantar no poleiro !

### III.

#### O COSINHEIRO.

Já está bem perto  
Ô poiso ali,  
Voltando o morro  
Qu'eu bem o vi.

Eis o ancorote—  
Água busquemos;  
Si houver demora,  
Sei o que temos !

Preparo o fogo  
E o caldeirão ;  
Já tenho prompto  
Sal e feijão.

N'hum fechar d'olhos  
Tenho o jantar ;  
Barriga cheia—  
Toca á folgar.

Não *pucho* bestas,  
Não levo cargas ;  
As noites minhas  
Nao são amargas.

Pelas estradas  
Sou eu o rei ;  
Vou de *corcova*,  
Vou qu'eu bem sei.

Alegre e rindo,  
A vida aceito ;  
Tenho o *sincerro*  
Dentro do peito.

Bem pequenino  
Deixei meu ninho ;  
Fui *correr mundo*  
Pelo caminho.

Eis chega a noite,  
Brilha o luar ;  
Do fogo em roda  
Vão-se aqueantar !

Vamos depressa,  
Temos café ;  
Depois diremos  
Quem bate o pé.

Tenho um bentinho,  
Tenho um rosario ;  
Correm as contas  
Do meu fadario.

S. Paulo—1850.

















## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).